

© 1938

ILUSTRAÇÃO

N.º 306 — 13.º ano



INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tóda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tódas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

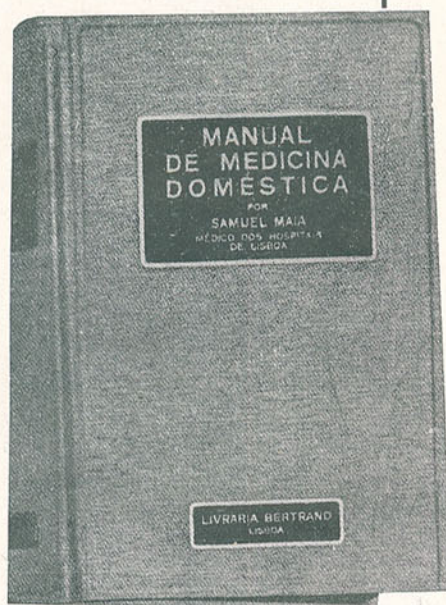
Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina

Esc. 35\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



UMA OBRA FORMIDÁVEL

Destinada a grande sucesso
Premiada pela Academia Francesa com o "Grand Prix Montyon"

**UM CORAÇÃO DE OIRO
(PADRE DAMIÃO)**

Por PIERRE CROIDYS

SUCESSO DE LIVRARIA EM TODO O MUNDO
Obra admirável ao serviço da humanidade

1 vol. de 356 págs., broc. Esc. 12\$00
Pelo correio à cobrança Esc. 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

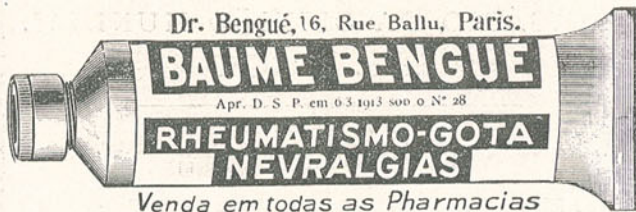
Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES
DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE
ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado 15\$00
Pelo correio à cobrança 16\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Venda em todas as Pharmacias

ILUSTRAÇÃO

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$10	61\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades
médicas contra



a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
OS **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez
da sua acção.

À venda em todas as Pharmacias
Produits BÉJEAN - Paris

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

**O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes**

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25\$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**GRAVADORES
IMPRESSORES**

Bertrand, Irmãos, L.ª

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA



**Elasticidade
significa bem estar**

Com boa disposição vencem-se todos os obstáculos. Não sofra de dores de dentes ou de cabeça — recorra já á



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

À VENDA

A 2.^a EDIÇÃO, CORRIGIDA

MUDANÇA DE ARES

ROMANCE

POR **SAMUEL MAIA**

1 volume brochado 12\$00
Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Novidade literária

RECREAÇÕES FILOLÓGICAS

POR **JORGE DAUPIÁS**

1 vol. de 316 págs., broc. Esc. 12\$00
Pelo correio à cobrança Esc. 14\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

A RETIRADA DOS DEZ MIL

DE **XENOFONTE**

Trad. e prefacio de **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 352 págs., broch. 12\$00
Pelo correio à cobrança 14\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 3.^a EDIÇÃO CORRIGIDA DA

TOPOGRAFIA PRÁTICA E AGRIMENSURA

DA BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

PELO

Coronel **GUEDES VAZ**

Antigo professor de Topografia

e Tenente-coronel **MOUSINHO DE ALBUQUERQUE**

1 vol. de 440 págs., com 281 figuras, enc. 22\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4\$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4\$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

À VENDA

EDIFICAÇÕES

Pelo Eng.^o **JOÃO EMÍLIO DOS SANTOS SEGURADO**

Sumário: O projecto de uma casa — Distribuição interna das habitações — Ordens arquitectónicas — Arcadas, pórticos, frontões, etc.

1 vol. de 260 págs., com 221 gravuras, encad. Esc. 17\$00
Pelo correio, à cobrança Esc. 19\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: -
2 0535

N.º 306-18.º ANO
16-SETEMBRO-1938

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca - Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30-LISBOA

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

VINDIMAS! VINHO NOVO!

VINDIMAS! Vindimas!

Não tarda que o mosto brote em borbotões como o sangue de um holocausto em prol da humanidade.

Hoje como ontem e ontem como sempre, o vinho há de ser o delicado nectar dos deuses. A grande obra de Noé não se resume na construção da famosa arca em que se salvou com a família e um casal de cada uma das espécies da bicharia que existia já neste incoerente mundo de Jehovah. A grande obra do pai Noé está na descoberta do vinho que viria alegrar a humanidade, dar-lhe alento e vigor. E por isso os séculos consagraram o genial inventor que conseguiu ter um templo em cada uma das adegas que aos biliões enxameiam a face da Terra.

Em pleno século XI o grande poeta persa Omar Khayyam cantava assim o vinho:

*Escuta a voz da verdade
que se evola em frases calmas:
"Mais vale a acidez do mosto
que a doçura de mil almas!"*

*Ergue um cântico festivo
e consagra em voz sonora
o vinho da tua taça
aos rubros clarões da aurora.*

*Dedica esse vinho rubro
ao sorrir duma donzela:
a taça - repara bem -
semelha-se aos lábios dela!*

*Eu não creio na pureza
de qualquer afecto antigo;
para mim o vinho novo
é o meu mais velho amigo!*

*Quando se acercar a Morte
a dar-me o golpe fatal,
seja o cântico do vinho
a minha prece final.*

*Em vez de incensos e mirra,
seja vinho a minha unção,
e fazei me com videiras
as tábuas do meu caixão.*

Chegaram as vindimas! Vai correr o mosto que por tudo se assemelha ao sangue de Cristo.





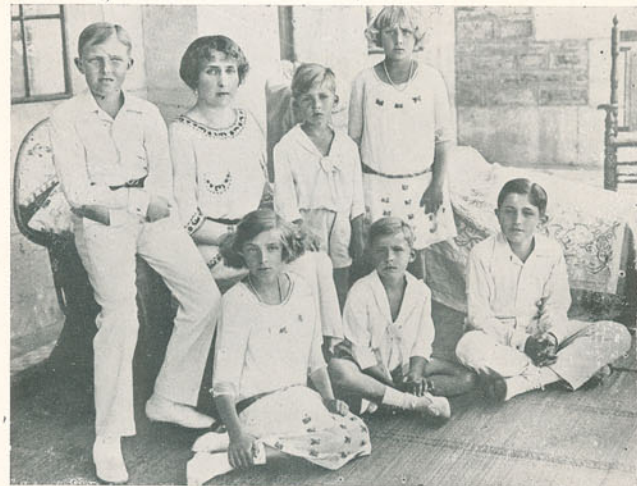
Afonso XIII com o príncipe das Astúrias em 1908

O conde de Covadonga, filho primogénito de Afonso XIII morreu há dias num hospital de Miami com trinta e um anos de idade e cheio de cruéis desilusões.

Pode mesmo dizer-se que foi o mais desgraçado príncipe de todos os que ainda existem sobre a terra.

A Morte acompanhou-o sempre desde

poderam fazer. Segundo os ensinamentos da ciência, a hemofilia é uma afecção congénita, muito rara e com evoluções variadíssimas. Pode mesmo ser considerada como sintoma de degenerescência. A sua característica consiste numa alteração do sangue que perde mais ou menos, a sua faculdade de coagulação. Daí resulta em freqüentes hemorragias



A es-ruína Vítória de Espanha e os seus seis filhos

o berço, tendo sido terrivelmente cruel em não o ter empolgado no momento em que o infeliz príncipe soltou o primeiro vagido.

O príncipe das Astúrias trazia consigo a horrorosa doença hereditária — a hemofilia, o mal dos Battenberg.

Quando a ciência apresenta como recurso a esterilização para evitar a vinda ao mundo destes e doutros desgraçados, abrem-se excepções porque de sangue real se trata.

Afonso XIII ainda se salvou da triste herança de sangue que seu pai Afonso XII lhe legára. Filho de um tuberculoso, os médicos souberam robustecê-lo com o leite sadio de uma asturiana.

Com o príncipe das Astúrias não poderia ser seguido um tal recurso.

Nascera um desgraçado. Era fatal.

Com efeito, em Maio de 1907 nasceu o desventurado príncipe com o terrível mal da hemofilia, transmitido por sua mãe. Confiado aos cuidados dos maiores sábios, estes nada

MORRER... DORMIR...

A vida desgraçada do conde de Covadonga

O triste fim de um

que se tornam incoercíveis. O mais ligeiro traumatismo, uma simples picada, um pequeno choque, um acesso de tosse, um passo em falso, um espirro podem provocar um vasto derramamento sanguíneo.

Na maioria dos casos, as hemorragias produzem-se internamente: banham os



Infante D. Gonçalo, morto há quatro anos num desastre de automóvel

tecidos e inundam as articulações e as vísceras.

Era esta a doença do desventurado ex-príncipe das Astúrias.

O "tzarevitch" sofria da mesma terrível enfermidade, a que só o bárbaro massacre de Ekaterinemburgo pôs termo.

Sabia-se que dois terços de hemofílicos morriam antes dos onze anos e que o terço restante chegava a atingir e até a ultrapassar a idade dos vinte.

Seria caso para desejar a qualquer destes desgraçados que a morte os levasse quanto mais depressa melhor, visto que uma vida assim só lhes poderia servir de suplício.

Entretanto, os sábios tentavam manter

SONHAR TALVÉZ!...

desgraçado príncipe

a vida ao desditoso príncipe, aplicando o que está indicado pelos habituais processos — injeções de soro fisiológico — mas tudo isto resultava improficuo.

E, acalentando ainda uma réstea de esperança, o príncipe levava os seus dias, tolhido nos seus aposentos, aguardando horas melhores que nunca mais chegavam.

Um dia, encontrando-se internado num sanatório da Suíça, travou conhecimento com uma linda enferma cubana. Afeiçoaram-se um ao outro, e daí a ideia de um casamento, apesar da tenaz oposição de Afonso XIII que se horrorizava ante a perspectiva de um casamento morganático.

Era linda a nora que lhe propunham e devia herdar muitos milhões, mas o ex-rei de Espanha repelia energicamente uma tal ideia que lhe macularia a tradição dinástica.

Entretanto, o príncipe, cada vez mais enlevado na sua noiva, afrontou a vontade paterna, e desobedeceu.

Então êle, herdeiro de um trono a que nunca poderia subir, senhor de uma fortuna que não poderia gastar, detentor de uma idade que para os outros era sempre de encantos e ilusões, e para êle de amarguras e desesperos, encontrava no seu caminho um lindo sorriso a iluminá-lo, e havia de o desprezar em obediência às sêdicas tradições bourbônicas?

Não. A formosa Edelmira de San-Pedro havia de ser sua mulher, sucedesse o que succedesse.

Foi anunciado o casamento, e, segundo os jornais de 26 de Maio de 1933, foi encomendado a um grande costureiro dos Campos Elíseos, o vestido da noiva.

Ao cabo de alguns meses, os jornais noticiavam o divórcio do pobre príncipe!

Um dos nossos mais ilustres cronistas, fez-lhe assim o seu necrologio:

"Foi príncipe real de Espanha, herdeiro de um trono, futuro Afonso XIV. E a Morte deixou-o ainda sonhar com êsse destino. Depois, sempre doente, entrou maior desgraça com êle, e com os seus, e conheceu as agruras do exílio. E aquele sonho passou a não ter possibilidades de realização. Outras quimeras vieram substituí-lo, e entre elas o de ser amado, feliz, constituir um lar, uma família... A Morte, a seu lado, sorria, e consentiu-lhe ainda uma, duas experiências. Deixou-o casar. Duas vezes lhe bateu no ombro, depois disso, lembrando-lhe que era inútil insistir mais, que havia chegado o momento... Mas ainda se compadeceu d'êle, ao ver a súplica dos seus olhos de moço, ansiosos de vida.



O príncipe das Astúrias e a sua noiva, após a cerimónia do casamento

Que vida! Novas desgraças. Dois divórcios. Incompatibilidades com seu pai. Dificuldades económicas, a miséria, quasi.

"Ultimamente, aceitara um lugar de agente de vendas de uma casa de automóveis. Mas, durante um ano inteiro, apenas vendeu três carros a três amigos condoídos das suas desventuras.

"As noites gastava-as num "cabaret", de Miami, onde começou a gostar de uma rapariguinha que vendia cigarros aos frequentadores. Devia estar prestes a encontrar a felicidade. Porque a Morte não lhe permitiu nova experiência de amor, de casamento, de um lar pobre, mas provavelmente, e finalmente, venturoso.

"A Morte pôs-se à frente d'êle, nessa noite em que iria firmar o pacto decisivo com a vendedora de cigarros, ao fim de um passeio de automóvel. Pôs-se à frente daquelle automóvel, num camião. E, em dada altura, travou, sinistra. E o carro, que vinha atrás, em derrapagem, foi-se despedaçar contra uma árvore.

"Afonso de Bourbon e Battenberg estava ferido. Principiou a esvaír-se em sangue — hemorragia imparável, fatal.

"Nove horas depois, vindo a Morte aos pés da cama à espera, os seus olhos nada mais pediram, conformados. Ainda

teve uma palavra amiga para a rapariguinha, que amorosamente aguardava uma promessa, um clarão de saúde, sentada à sua beira. Pronunciou dois nomes — o de seu pai e o de sua mãe...

"E a Morte, num enfado — já era demais em seu entender — tomou-o nos braços e levou-o."

Bem mais feliz foi seu irmão Gonçalo que há quatro anos foi igualmente vítima de um desastre de automóvel, perto de Viena. O carro era guiado pela irmã, a infanta Beatriz que ficou tão emocionada que desejou dar entrada em um convento. Diz-se que a causa do desastre foi um ciclista que seguia fora de mão. A infanta Beatriz, para não atropelar fez uma manobra rápida de que resultou chocar violentamente com um muro. O infante Gonçalo sofrendo graves contusões no estômago, veio a falecer horas depois devido a uma forte hemorragia. Ou êle não fôsse hemofílico.

Ainda assim, morreu rodeado de carinhos, sem ter conhecido as grandes privações.

Com o ex-príncipe das Astúrias a sorte foi mais cruel.

Torturou-o sempre implacavelmente. Pobre e desgraçado príncipe! Descansou por fim...



NOTÍCIAS DA QUINZENA

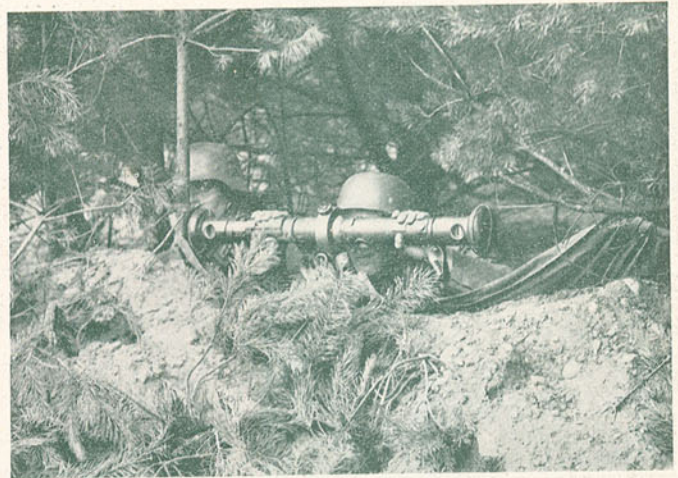
A esposa do generalíssimo Franco, acompanhada pelo vice-consul e vários membros da colónia espanhola no Pôrto, antes de seguir para Pontevedra. Foi acompanhada por sua irmã e filha. — O sr. Cardial Patriarca e os dirigentes da Acção Católica na Reunião Nacional dos Assistentes Diocesanos. — *A direita*: As tripulações dos cinco hidro-aviões ingleses da «Royal Air Force» que amaram no Tejo para se abastecerem. — *Em baixo*: A multidão em frente do nicho da Senhora da Conceição do Cais em Setúbal, em prece, ansiando por abundância de peixe.



ACTIVIDADES ALEMÃS



O major general da aviação militar francesa, general Vuillemin na sua visita a Berlim



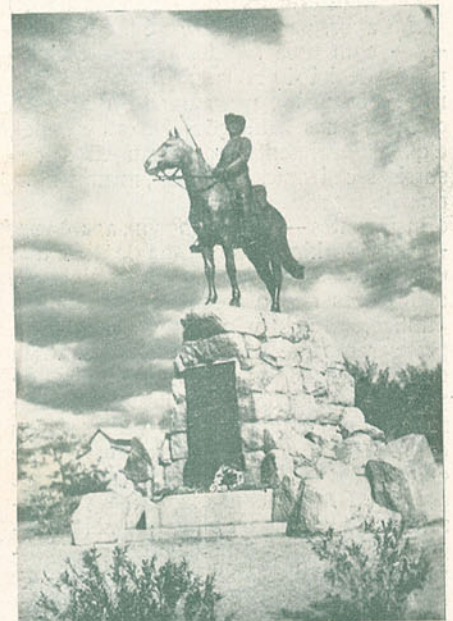
Soldados alemães fazendo observações pelo telémetro durante as manobras de outono



O capitão general von Fritsch fazendo um discurso ao seu regimento



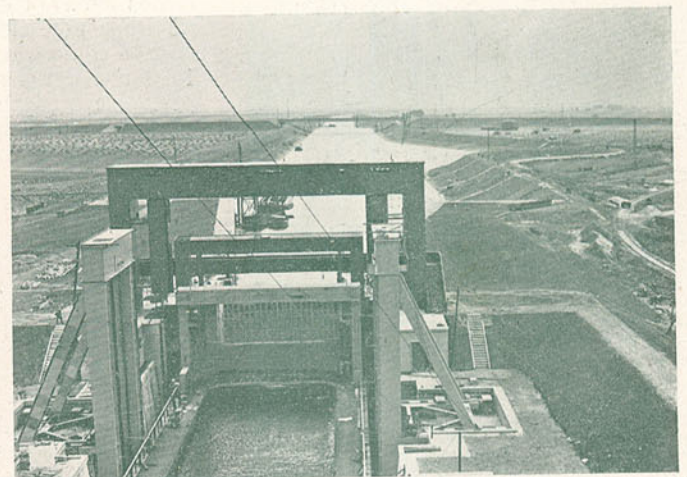
Um aspecto do edifício do Reichstag, com as suas modificações



Estátua comemorativa dos mortos das tropas coloniais alemãs em Windhuk



O ministro dr. Goebbels inaugurando a Grande Exposição de Rádio Alemã em Berlim



O moderno elevador de compensação no Canal do Centro de Koenigberg a Basileia



Ilustração de provérbios japoneses

liberdade. Vida que recordava muito de perto as lendas infantis que embalaram a nossa meninice. A Grande Guerra deu à vida japonesa um forte encontro e transformou-a. Aquele feito gracioso, insinuante e simpático ficou no olvido quando o Japão se apossou da Sibéria oriental e exigiu que a esfera de influência alemã em Shantung lhe fosse entregue. Por essa ocasião, ninguém fez grande reparo no pedido do Japão relativo a umas ilhotas, que mais ninguém queria; não viria daí grande mal ao mundo, porque afinal, o Japão nunca se poderia elevar a uma potência industrial de primeira ordem. Desprovido das três principais matérias primas que constituem um triumvirato industrial: petróleo, ferro e carvão, quisí que não possuía algodão, lã e peles curtidas e as grandes dificuldades que se levantavam no cami-

A transformação do Japão de há 40 anos, para o que ele é hoje, deu-se com uma rapidez pasmosa. O japonês de há 40 anos era um ente estranho e esquisito, um amarelo, que vivia em pequenas habitações feitas de papel, e que cumprimentava os estrangeiros com sorrisos cativantes e alegres, acompanhados de repetidas mesuras muito amáveis e insinuantes — pelo menos na aparência, — trajando kimonos de seda de desenhos raros; possuidor de um tal requinte de delicadezas que o assoar-se a gente em público, era acto feio que não se deveria praticar perante pessoas educadas. Vivia então o japonês, para a concepção europeia, uma vida de fadas encantadas num sonho de lendas poéticas de tradições complicadas; vivia numa atmosfera de culto pelos antepassados e pelas flores e em que floriam com exuberância as cerejeiras frondosas e perfumadas. No mercado compravam-se pardalinhos para proporcionar ao comprador o prazer de os lançar ao ar a-fim-de recuperarem a



Castelo de Matsuyama



no do desenvolvimento das suas indústrias, não se restringiam aquela pobreza na produção de matérias primas. O Japão sofre quatro abalos de terra por dia com prejuízos consideráveis, pouco mais ou menos em cada dois anos e meio e periodicamente é vítima de uma grande catástrofe como o terramoto de Tóquio de 1923 que ocasionou a morte a 150.000 pessoas e perdas materiais avaliadas em uma soma fabulosa de yens. Além destas desgraças a assolou o país há ainda os terríveis furacões, denominados ventos tufoes, altas mares invasoras e cheias periódicas.

O seu clima não é saudável: é úmido, agreste, demasiado frio e demasiado quente e o japonês, para defender a sua garganta e brônquios, de uma fraqueza inveterada na raça, tem de fazer uso de precauções tais como máscaras protectoras dos órgãos respiratórios, que são usadas aos milhares, em público, a-fim-de evitar constipações. As potências formulavam o seguinte raciocínio: um país em tais condições, se não é inha-

As últimas do barão de provérbios

NO EXTREMO ORIENTE COISAS DO «DAI NIPPON» — IMPÉRIO DO SOL NASCENTE Como se engrandece este curiosíssimo país

bitável é, pelo menos, insusceptível de desenvolvimento industrial e assim se foram passando os anos até 1920, época em que começou a desvanecer-se aquela inocência e passividade com que o Japão era considerado por aquelas potências. Os nipónicos abandonam por esse tempo a Sociedade das Nações, apoderam-se de novos tratos de terreno na Ásia, em terra firme, e surgem como adversários temi-

veis, nos mercados mundiais aonde se apresentam como concorrentes de respeito. Em 1933 a exportação das indústrias têxteis tinha aumentado em 117 por cento sobre as exportações de 1924. Na Maláia, na Índia e na África os produtos têxteis japoneses vendiam-se a um preço inferior ao da mercadoria inglesa e nas próprias cidades de Manchester e de Liverpool, perlinho das chaminés fumegantes das suas fábricas de tecidos, vendia-se fazenda japonesa a preço inferior ao do produto britânico. Os holandeses sofriam a concorrência nipónica nos mercados das suas possessões em Java e as sedas japonesas vendiam-se impunemente em países produtores do artigo como a França e a Itália.

A Alemanha e os Estados Unidos eram igualmente vítimas desses minúsculos amarelos que exportavam cerveja para a Alemanha e bandeiras americanas para a Legião Americana. Povo maravilhoso na arte de macaquear, as suas maravilhosas reproduções de todos os artigos europeus são o desespero de todo o fabricante não nipónico. Os oradores inflamados das Câmaras de Comércio da Eu-

ropa e da América vociferavam longos discursos indignados contra esse povo, que deixara de ser inocente e passivo, para surgir concorrente terrível às indústrias americanas e europeias. Como podia o Japão produzir uma groza de caixas de fósforos por três escudos, que nos Estados Unidos custa quatro vezes mais? Como explicar este e outros fenómenos congêneres? Qual seria o segredo japonês? Apareceram várias teorias que explicavam o segredo:

Apresentou-se em primeiro lugar, como causa da diferença de preços, a depreciação da moeda japonesa, mas esta explicação não satisfazia porque o Japão fazia concorrência a países igualmente de moeda depreciada; outros economistas atribuíram o fenómeno ao facto do governo japonês conceder grandes subsídios que eram unicamente concedidos à indústria dos transportes, como o praticam muitos outros governos e, às vezes, com somas superiores aos subsídios nipónicos e veio por fim a teoria do salário explorador da saúde pública e portanto da vida humana. Demonstrou-se realmente que os salários nas fábricas eram extremamente baixos mas não tão baixos que não cobrissem as despesas necessárias aos meios de subsistência da família operária. Os americanos enviaram ao Japão uma comissão, com intuítos humanitários, que tinha por missão descobrir quais eram os processos deshumanos, empregados nas fábricas nipónicas, na exploração dos seus operários e a comissão relatou "que efectivamente os salários eram muito baixos, que regulavam por uma décima parte do que ganha o operário americano, mas que o operário japonês parecia satisfeito e saudável e que levava uma existência cômoda com horas livres para o seu recreio, estudo e preparação para uma melhoria de situação."

Os economistas concluíram, pois, que se tornava evidente que a razão da grande superioridade do Japão na concorrência às indústrias das outras nações, não reside nem nos seus recursos naturais, que são poucos; nem em facilidades de capital que são muito limitadas; nem no génio inventivo da nação, que não é grande. A causa fundamental tem de ser procurada numa organização nacional, homogênea, altamente integrada e de uma beleza moral, que permite a unificação do esforço da nação, impossível em qualquer outro país.

Os países da Europa, alcançaram o estado de industrialização depois de terem destruído a estrutura social feudal.

Entre essa destruição e a revolução social houve um período de individualismo, de independência pessoal que, por

um lado, trouxe a investigação científica mas que desintegrou o antigo estado social, por tal forma que não foi possível reconstituir-lo depois do advento da revolução industrial. O Japão, saltou por cima do período de individualismo; recebeu a nova ordem industrial, por encomenda postal, completa e aperfeiçoada, enviada pelos países que maiores progressos tinham feito no assunto e aplicou-a à sua população feudal. O japonês não tem grandes exigências para se considerar feliz. Nos outros países a revolução industrial significará grande melhoramento na forma de viver, o qual ocasionará aumento de salários que a seu turno ocasionou aumento no custo da vida. No Japão não sucedeu assim: a população agrícola demasiadamente numerosa para poder viver, com alguma abundância, dos recursos naturais do país, habituou-se desde séculos a uma grande frugalidade e vive hoje, como vivia há 400 anos. E é essa população que mantém o índice do custo da vida das outras classes, porque fornece constantemente um elemento de trabalho ansioso por ingressar nas indústrias a qualquer preço, não inferior ao salário do trabalhador rural. Os japoneses além de outras segredos para produzir barato e de terem entrado nas indústrias com ferramental já muito aperfeiçoado, à custa alheia, possuem a formula secreta de juntar o algodão americano de alto preço, algodões provenientes das Índias, baratos e de baixa classe, que os fabricantes não nipónicos nunca poderam descobrir. Sessenta por cento das suas fábricas são pequenas instalações que empregam menos de cinco operários; há, aos milhares, dessas pequenas instalações e ordenados inferiores a seis escudos da nossa moeda, por mez em que trabalham pai, mãe, filhas e filhos, dia inteiro, sem cessar.

O Japão tem forçosamente de vender os seus produtos para o estrangeiro porque a capacidade de compra no país está muito longe de poder absorver a produção industrial. Ao passo que parte da indústria se mantém assim, em condições que pertencem a outro século, uma outra parte exerce-se simultaneamente dentro da maquinaria mais adeantada do mundo. É um século a viver dentro outro. E até quando poderá esta situação anomala durar? Há-de durar enquanto o camponês ignorar que há mulheres que não tecem algodão nos teares dos antepassados e que há famílias que não vivem apenas de alguns escudos mensais. Por ora o camponês está muito longe de conceber uma tal visão da vida; desde séculos que a sua lealdade para com a pátria é a sua maior coroa de glória.

No seu cérebro não há espaço para fantasiar outra ordem social; a liberdade de pensar também lá não cabe e aqueles que pensam livremente estão perdidos para a vida. É feliz o país em que há um elemento inteligente que dirige e um elemento obediente que executa. Se a antiga inocência e passividade, em que o Japão era tido, desapareceram do tabu-

Cartas de provérbios nipónicos



leiro da política mundial, o fundo do seu povo pouco evoluiu, desde aquelas épocas remotas em que outros povos descobriram a sua existência. Há mil anos foram os árabes que primeiro conheceram o Japão e nós portugueses no começo de século XVI. Em 1511 desembarcaram pela primeira vez missões portuguesas em terras da China e quase simultaneamente no Japão. Há nos nossos arquivos das bibliotecas públicas, como a da Ajuda, Évora e possivelmente outras, documentos enviados para a metropole, por padres portugueses da Companhia de Jesus, que constituem descrições interessantíssimas dos costumes desses dois países. Talvez como os não possuía nenhum outro país. Há descrições minuciosas de festas imperiais em Kioto, antiga capital do império nipónico, de uma riqueza e ostentação medievais; há descrições de guerras e revoluções nos dois reinos impérios; manancial de um valor incalculável para a sua história.

Na biblioteca da Ajuda, existe uma obra em sessenta e tantos volumes manuscritos, intitulada os "Portugueses na Ásia", obra dos nossos missionários no século XVI.

ADOLFO BENARÚS.



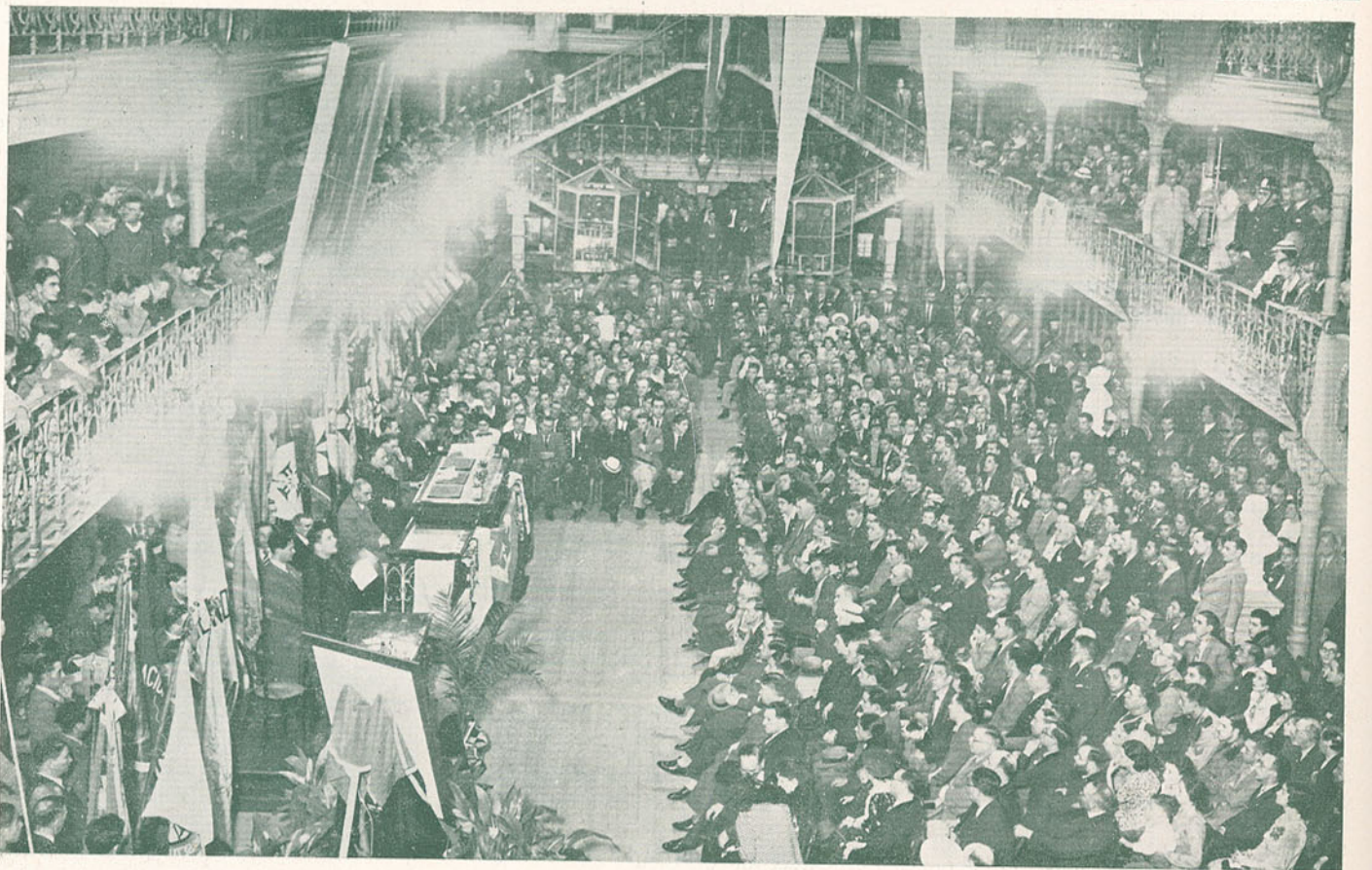
Estátua de Budha em Kioto

ACTUALIDADES

DA QUINZENA



A assistência à recepção na Embaixada do Brasil comemorando o aniversário da independência do país irmão. (Foto Alvaro Campeão). — AO CENTRO: Sessão na Liga Nacional 28 de Maio em homenagem ao Chefe do Estado. O sr. major Santos Pedroso lendo o seu discurso e um aspecto da assistência. — EM BAIXO: Um aspecto da sessão solene dos Sindicatos Nacionais do distrito de Lisboa em homenagem calorosa ao sr. Presidente da República, enaltecendo o alto significado da viagem do sr. general Carmona às terras distantes do Império Português



ENTRE MULHERES

No salãozinho de Julieta, três mulheres conversavam, de rostos tristes e olhar contemplativo, aquele olhar que parece ver interiormente o que nos vai na nossa própria alma.

A dona da casa, depois de um momento de silêncio, em que as últimas reflexões de Amélia, sua amiga de infância, palpitavam ainda no ar, começou falando:

— “As vossas confidências são interessantes. Vocês conheceram o amor, isto é, foram amadas em tôdas as demonstrações dos sentidos, com êsses beijos que queimam os lábios, êsses enlances que quási nos matam de prazer.

Mas não tiveram nunca, na sua vida, um amor sincero, um amor que tomasse conta da alma dos seus apaixonados, que valesse por todos os extasis da carne, um amor que fica sempre lembrado e sempre com igual intensidade por mais que o tempo se esforce por tirar-lhe a expressão e atenuar-lhe o valor.

“Além dos amores doidos que vocês tiveram, eu tive também êsse outro amor. Posso gabar-me de ter sido amada, não como um corpo aliciante e prometedor de horas jubilosas, estuantes de sensualidade, mas como um espírito luminoso, mais fulgurante de beleza do que todos os encantos corporais.

“E êsse homem que eu supunha, que até esperava poder prender-se pela minha carne ainda moça e ardente, preferir êsses gosos sonhados, que foram o iman que primeiro o acorrentou a mim, só pela lembrança dessa realização futura e apenas então imaginada, para me dar a sua alma cheia de carinho e de respeito pela minha vida atribulada.

E, limpando uma lágrima que teimava em nublar-lhe o olhar, Julieta prosseguiu, numa voz mais sumida, como se falasse consigo, quási alheada de tudo que a cercava, como se estivesse extraindo dolorosamente das profundezas da alma aquelas recordações:

— Pouco me conhecia. Encontrei-o uma vez, num jornal.

Conversou comigo, achou-me graça, não sei por que dom divino eu tenho ainda espírito às vezes, depois da tragédia que tem sido a minha vida. Vocês conhecem-na.

Nora e Amélia, as duas companheiras de Julieta, olharam-se com ar compungido, porque sabiam a fundo a odisseia daquela pobre mulher, cuja alma era uma fonte perene de ternura para todo o ser criado.

Julieta ensimesmou-se outra vez, na sua recordação, e continuou:

— “Depois, de vez em quando, falava-me pelo telefone, e a minha voz, que êle achava fresca e sensual, entusiasmava-o, e pôs-se a desejar-me com fúria, com loucura mesmo.

“Tôdas as noites me telefonava, e de cada vez insistia para que nos encontrássemos em lugar onde pudesse mais de espaço contar-me o amor que o dominava.

“Eu resistia, queria continuar casta, só presa da lembrança do meu passado de amargura e dor.

“Um dia, porém, cedi. Recebi-o em minha casa.

“Êle estava como ébrio de desejo. Eu, francamente, não me sentia disposta a transpor a barreira duma boa amizade.

“Os meus nervos estavam calmos. Não era ainda êsse homem que os podia fazer vibrar, apesar da simpatia que dêle irradiava.

“Porque somos nós que damos ao nosso eleito as qualidades que nos seduzem, e que às vezes estão longe de corresponder à verdade.

“E aquele talvez as tivesse, mas eu não as via, e o meu espírito não lhe emprestava nada que me cativasse.

Para ganhar tempo e desviar-lhe a atenção do pensamento que o absorvia, a posse, puz-me a dizer-lhe coisas da minha vida. As amarguras, as injustiças, as lutas, que tenho sofrido e sustentado, a tragédia da perda de entes queridos, os meus dias sem alegria, as minhas noites sem sono.

Quási esqueci que estava falando com um homem que me cobiçava há muito no que me achava ainda de encantos físicos.

“Foi como se tivesse unicamente, ao meu lado, uma alma a ouvir as confidências da minha alma.

À medida que me ia alongando na minha narrativa, e que ia arejando as dúvidas e incertezas que me enchiam o cérebro sôbre a recompensa que me continuava a ser negada pelos homens — ou pelo destino, eu sei lá! — a par e passo que os meus olhos se iam molhando mais e mais com as lágrimas que se obstinavam em mostrar-se, o olhar dêle



tomava uma expressão mais suave, e parecia que tudo quanto havia em si de animalidade se transformava numa doce ternura, que só a alma comandava.

Pegou-me nas mãos, puxou-me para êle e deu-me um beijo na testa:

E comovidíssimo, como se o seu desejo fôsse um crime abominável, disse-me:

— “Perdoe-me tê-la confundido, no meu instinto animal, com as outras mulheres.

“Uma alma como a sua, torturada e sublime, deve adorar-se.

“Não posso continuar a ver em si a fêmea que o homem se compraz em descortinar apenas na medida que por êle passa, e de quem não sabe adivinhar as cores e as preciosidades de sentimentos que lá por dentro vão.

“Agora que a conheço no seu íntimo, seria uma profanação querer catalogá-la, ao lado das mulheres mais ou menos vulgares que teem passado pela minha vida.

“O amor que lhe ofereço de hoje em diante é feito unicamente de ternura pelo seu espírito, e êsse amor há-de marcar a minha vida, como a água lustral que me vai lavar de tôdas as impurezas dêsses amores carnis, que uma vez o entusiasmo morto nos deixam apenas uma impressão de desgosto e de nojo.”

— “Aqui tem vocês, concluiu Julieta, a maior homenagem que me foi prestada, durante a minha vida de mulher requisitada e amada até à loucura.

MERCEDES BLASCO.



A actriz May Yohé e o sultão Abdul-Hamid

PELO visto, o fatídico "Diamante Azul" continua a fazer das suas.

A sua última vítima foi May Yohé, antiga actriz que deslumbrou com a sua beleza as grandes capitais do mundo, chegando a ser requestada pelo próprio Eduardo VII. Tendo esta artista casado com o duque de Newcastle, brilhou na corte londrina como uma das mais ilustres damas do Reino Unido.

Com este casamento, a actriz May Yohé pôde ostentar no seu formoso seio o fatídico "Diamante Azul", que seu sógro Thomas Henri Hope comprara em 1830



Maria Antonieta

por dezoito mil libras, cabendo em herança a seu filho Lord Francis Hope, duque de Newcastle.

Este titular, a pesar do seu avultado património, viu-se, dentro de poucos anos, na maior miséria e abandonado de todos os seus. A sua vida fôra destruída, em seu entender, pela mulher que escolhera. Esta, por sua vez, no pleito de divórcio, atribuiu ao "Diamante Azul", o único motivo das suas faltas, alegando não ter podido resistir ao seu influxo fatal.

Agora, a desgraçada actriz, aparece morta num pardieiro destelhado, perto da estação de Boston. Tinha setenta anos de idade e morrera de frio e fome!

Poderão objectar-nos que, como esta desventurada, outras têm encontrado idêntico fim sem que, para isso, tivessem corrido o "Diamante Azul" com o seu terrível mau agouro.

No século XVII vivia em França um aventureiro chamado Jean Joseph Tavernier que, após várias peripécias foi até à Índia, onde conseguiu ser recebido carinhosamente pelo Grão Mogol que lhe dedicou verdadeiro afecto. De tal maneira o aventureiro soube insinuar-se na estima do soberano que este o levou a visitar as suas minas de diamantes, acerca de cujas riquezas corriam pela Europa as mais fantásticas lendas.

Em boa verdade, os diamantes do Grão Mogol eram formosíssimos. Mas Tavernier ouvira falar num outro diamante que passava por ser o mais belo do mundo.

Era o "Diamante Azul", e encontrava-se encrustado num dos olhos do ídolo do deus Rama-Sita em um templo da velha cidade de Pagan.

Desde esse momento, o aventureiro procurou aproximar-se do ídolo e roubar-lhe o ôlho precioso, fôssem quais fôssem as dificuldades que tivesse de vencer. Com esse propósito se dirigiu a Pagan, onde a sua amizade com o Grão Mogol lhe valeu a mais franca hospitalidade. Os naturais, considerando-o um grande príncipe, concederam-lhe a honra de contemplar o rosto do grande deus Rama-Sita. Esperto como era, depressa captou a confiança dos guardas do templo. Ajoelhou ante o ídolo e, fingindo concentrar-se numa fervorosa oração, cobriu o rosto com as mãos para mais descaradamente poder observar por entre os dedos a pedra cubi-



O aventureiro Tavernier

FATALIDADE OU

A maldição do

Terríveis desgraças que se

çada. Ao partir, deixou uma valiosa ofrenda, e de igual maneira procedeu nos dias seguintes em que visitou o templo. Aproveitando a primeira oportunidade em que o deixaram só, subiu até à altura da cabeça do ídolo e, com o auxílio do punhal, apoderou-se da pedra preciosa. A muito se arriscara. Se tivesse sido surpreendido, o sacrilego seria morto entre os mais atrozes suplicios.

Conseguiu fugir e chegar são e salvo a França. Mas o sacerdote, ao dar pelo roubo, atirara este anátema:

"Rama-Sita há-de vingar-se! Quem usar essa pedra há-de ser desgraçado!"

Durante o tempo que permaneceu em França, o ladrão sacrilego foi batido pelas mais duras adversidades. Tentando fugir à fatalidade, vendeu o diamante, e voltou a atravessar o mar. Embrenhando-se numa floresta, foi devorado pelos chacais.

Entretanto, o "Diamante Azul", foi parar às mãos de Luiz XIV, começando a maldição a surtir logo os seus efeitos. Morrem-lhe várias pessoas da família e o próprio monarca é acometido por uma grave doença que o põe às portas da morte. É neste momento que

COINCIDÊNCIA?

Diamante Azul

sucedem umas às outras

se apaga a boa estrela política deste soberano!

Desde esta data sucedem-se os tratados vergonhosos aceitos pelo Rei-Sol. Enlão o monarca dá o diamante a Madame de Montespan, sua favorita, que poucos dias depois cai em desgraça, sendo abandonada pelo seu régio amante.

Passou a pedra para a posse de Nicolau Fouquet, o famoso intendente que logo se vê enredado numa intriga horrorosa. A pedido de Colbert, o omnipotente Fouquet foi encerrado na Bastilha, onde morreu.

Perde-se, em seguida, o rasto à pedra fatal. Mais tarde reaparece nas mãos de Luiz XVI que deseja vê-la fulgurar no colo de sua esposa Maria Antonieta. Tanto um como outro subiram o cadafalso.

Tendo a Assembléa Constituinte feito depositar o tesouro real nos cofres do Estado, o "Diamante Azul", desaparece para prosseguir na sua órbita terrível de malefícios.

Pouco depois, aparecia em Amsterdão.



Grão Mogol

Foi encarregado de o polir o joalheiro Fals. Findo o trabalho que foi moroso, um filho do joalheiro roubou-lhe a pedra, vendendo-a em seguida. Gastou o dinheiro e acabou por suicidar-se.

Passou o "Diamante Azul", a ser pertença de um francês chamado François Beaulieu que, não se atrevendo a vender a pedra na Holanda ou na França, conseguiu que um joalheiro lhe cortasse uma lasca do diamante a troco de certa quantia que lhe cobriria as despesas de uma viagem a Londres. Nesta cidade trabalhou durante anos em serviços grosseiros e mal pagos, podendo dizer-se que vivia na maior miséria, apesar de trazer consigo o famoso "Diamante Azul".

Um dia, acoçado pela fome, foi a casa do joalheiro Eliason e pediu-lhe cinco mil libras pela pedra. O joalheiro pediu-lhe uns dias para pensar e quando foi à procura do francês, encontrou-o na cama, morto de fome.

Depois disto, o diamante foi dividido. O primeiro pedaço foi parar às mãos do inglês Streeter; o segundo pedaço foi vendido ao duque de Brunswick que lhe deu o nome de "vergõntea azul de Brunswick".

Mas o pedaço principal ficou em poder de Eliason que o vendeu a Thomas Henry Hope, o sógro da actriz May Yohé, que tão desgraçadamente acabou agora os seus dias.

Em 1908, o "Diamante Azul", passou a pertencer ao príncipe polaco de Poniatowsky que o ofereceu à actriz francesa M.^{me} Ladue, vedeta do *Folles Bergères*. Pois na própria noite em que a artista aparece no palco ostentando o fatídico diamante, o príncipe, atacado de ciúmes, mata-a a tiro, do camarote em que assistia à representação.

O diamante voltou ao Oriente, tendo sido comprado pelo sultão Abdul-Hamid a um joalheiro grego. Ao sair do palácio do sultão, o joalheiro tomou um carro onde instalou a família que o acompanhara.

Mas o carro despenha-se num precipício, e morre o joalheiro e todos os seus.

Meses depois, o sultão perde o trono e a vida às mãos dos jovens turcos. Desaparece novamente o diamante.

Em 1911 volta a aparecer na América, onde o multi-milionário Mac Lean o compra para que fulgure no colo alabastro de sua esposa. A desgraça é quasi imediata. Os Mac Lean tinham um filho único, o pequeno Vinsen. Num dia de Maio de 1919, andando a criança a passear numa avenida, pela mão de uma criada, solta-se e deita a correr através da movimentada arteria, sendo esmagada por um automóvel que passava a tóda a velocidade.

Então o multi-milionário quer divorciar-se, visto atribuir à compra do diamante a desgraça que o feriu, e que teria evitado se não fosse a esposa. Divorciado, segue para Paris, onde se embre-



O roubo do Diamante Azul

nha numa vida desgraçada. O "Diamante Azul", foi abandonado à justiça americana para pagamento das custas do divórcio.

Há anos correu a notícia de que Charlie Chaplin, o grande Charlot estava em negociações para adquirir o diamante fatídico...

Em que mãos parará ele agora?... Ainda terá de fazer mais desgraças por este mundo? Eis o que ninguém saberá dizer... Mas, mesmo assim, temos a certeza de que as nossas gentis leitoras não desdenhariam de enfeitar com êle o nível colo em qualquer festa em que brilhassem.



Fouquet

UM americano entra no comissariado de policia e pede para lhe guardarem uma pequena mala de mão de que é portador.

— Mas o que contem a mala? — perguntou o comissário, intrigado.

— Pouca cousa, senhor comissário: um pijama, um par de pantufas, um pente e uma escova de dentes. Explico-me; um grupo de compatriotas, de que faço parte, faz ruidosa festa no restaurante aqui do lado e ha todas probabilidades de que o resto da noite seja passado nesta esquadra, motivo porque tomo as minhas precauções...

O barbeiro ensaboava a cara de um cliente, mas fazia-o tão descuidadamente que já por duas vezes metera o pincel na boca do freguês. Este estranhando os modos do figaro, quando o viu pegar na navalha, perguntou um pouco receoso das consequencias que poderiam advir do espirito distraído do barbeiro:

— Parece me que você está um pouco nervoso...

— E' verdade!

— Recomendo-lhe atenção, visto que tenho a pele delicada.

— Sempre que damos um golpe na cara de um cliente, atalhou o barbeiro o patrão aplica-nos uma pesada multa...

O cliente sorriu, mais confiado, mas o barbeiro continuou:

— ... mas hoje, estou-me rindo das multas que possa ter, visto terem-me saído 10 contos na lotaria!

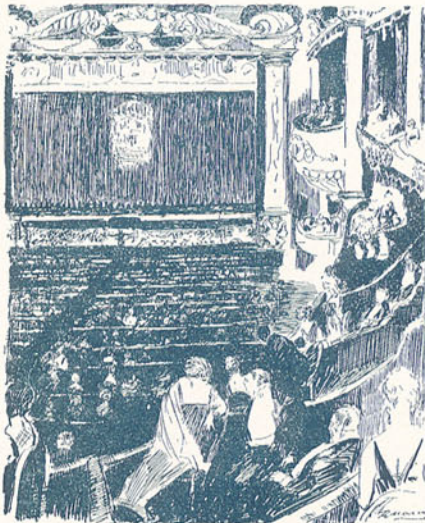
Um caso de consciencia.

Uma senhora nova nada devendo à formosura, é extramamente vaidosa.

Como lhe digam que é pecado ter vaidade na sua pessoa ela riposta:

— Será pecado ouvir dizer a um rapaz que me acha encantadora?

— Para V. Ex.^a não, mas para o rapaz é grave, porque contrae uma terrivel responsabilidade.



No intervalo: — Ora graças a Deus que acabou esse tal Wagner. Os músicos antigos eram mais discretos, podia a gente falar alto!...



Dois usurários constituem-se em sociedade comercial para larga exploração. No contrato foi incluída a seguinte clausula:

— "Em caso de falência, os lucros serão divididos em partes iguais pelos dois socios."

Um médico chega a casa d'um doente e encontra-o aos saltos.

— Que vem a ser isto? ó sr, Lucas! Então o senhor, em vez de estar socegado na cama, anda-me aqui a fazer de palhaço? E, assim que toma em consideração os meus conselhos e a receita? Já para a cama!

— Doutor, fui eu que me esqueci de agitar o frasco do remédio quando o tomei e eis a razão porque ando aqui aos saltos, para agitar cá por dentro!

Num exame:

— Se seu pai pedir 5 contos emprestados ao juro de 5 por cento ao ano, quanto estará devendo ao cabo de três anos?

— Não deve nada.

— Vejo que o menino não conhece nada de aritmética.

— Conheço um bocadinho, mas conheço muito melhor o meu pai.

Uma mulher tinha um filho de quatro anos que era o seu enlevo. Reparando, no entanto, que o marido não afagava nunca a criança, disse-lhe:

— O' homem! nem sequer reparas no menino. Parece que não gostas dele...

O pai reflecte um pouco nas palavras da mulher, e, para lhe ser agradável, resolve-se a fazer-lhe a vontade. Pega num garfo e dirige-se em altos berros ao petiz:

— Ah! ladrão! que te tiro um olho!... Ah! ladrão! que te tiro um olho!

— Não vais a banhos êste ano?

— Não. Tenho saude e não preciso disso.

— Mas os banhos fazem bem mesmo a quem tem muita saude.

— Não me convences. Todos dizem que eu tenho uma saude de ferro. Se a molhasse com os banhos podia enferrujá-la.

Dois noivos apeiam-se do comboio em Sintra.

— Raul — diz ela — talvez fôsse melhor a nossa "lua de mel". Esta gente é tão curiosa...

— Tens razão, minha querida — concordou êle — tu levas a mala e o sacco de viagem. Eu levo a máquina fotografica.

Zacarias em passeata pelos arrabaldes do Porto, encontra um carteiro rural já bastante fatigado pelo seu giro e que ainda tinha de ir a 3 quilómetros de distância levar um impresso a um quinta.

— Pois olhe meu caro amigo — diz-lhe o Zacarias — nessa não caía#eu! Se eu estivesse no seu lugar, mandava essa porcaria pelo correio lá para a tal quinta e não punha lá os pés!...

— Mamã, — diz a Mimi, uma interessante criança de seis anos risonhos e vivos — vi o João beijar a minha irmã.

— Não faz mal, filhinha, eles vão casar amanhã.

— E, então, quando é que o papá casa com a governanta?

O chefe de redacção dum jornal americano, especialista em dar noticias de sensação, foi informado pelo telefone, de que caíra numa rua principal, um cabo de alta tensão, mas que o acidente não causara, felizmente, victimas. Imediatamente deu a seguinte ordem para a sala da redacção:

— Que dois redactores sigam imediatamente para o local: um, para tocar no fio e o outro, para relatar o acidente.

Dois amigos e confidentes:

— Sabes que minha mulher recebeu mais uma carta anónima?

— Mas isso é uma infâmia que não pode ficar assim... E de quem é a carta?



— Mas então lá por estar constipado hei-de pagar dois bilhetes? — É que o médico declarou que é um catarro... passageiro!...

OS RAIOS ULTRA-VIOLETA E A PELE

PARA se tirar uma fotografia nos trópicos requiere um tempo de exposição muito maior que o necessário na Europa ou na América do Norte. Isto, à primeira vista, pode parecer tão contraditório como o facto de as côres aniladas conservarem o seu tom na África tropical, enquanto se destingem rapidamente à acção do mais débil sol europeu. Levou muito tempo a compreender-se a causa dêste fenómeno que é devido, ao que parece, à falta de raios ultra-violeta nos raios solares do trópico.

Com efeito, há alguns anos, o professor Kestner, de Hamburgo demonstrou, com o auxílio das células foto-electricas, ser grande a escassez de raios ultra-violeta nas radiações solares dos trópicos.

Como base desta demonstração podemos explicar ainda outro fenómeno: é sabido que os vestidos claros são uma boa protecção contra o ardente sol tropical, visto a côr branca ser a que melhor reflecte os raios quentes.

Mas então porque não aproveita a natureza esta lei natural como costuma fazer com tôdas as suas leis, antes dá aos homens uma côr de pele tanto mais escura quanto mais perto vivem do Equador, quando, na realidade, deveria dar-se a inversa a-fim-de criar uma protecção natural contra os fortes raios solares?

A explicação é muito simples:

A côr escura não protege contra os raios quentes do sol porque o seu fim é facilitar a penetração dos raios ultra-violeta.

A pele e o sangue do homem contêm ergosterina que os raios ultra-violeta transformam na vitamina D que protege contra o raquitismo e outras enfermidades. Quanto menor é a quantidade de raios ultra-violeta contida nos raios solares, ou seja, quanto maior seja a quantidade retida, principalmente devido ao vapor e à humidade, tanto mais escura é a pele da população autóctona. A pele dos negros é extremamente negra na costa ocidental da África, onde o clima é mais insuportável para os europeus e americanos, sendo muito mais clara para as regiões austrais e terras altas.

A pele escura não protege contra a intensa luz solar, como se julgava anteriormente. Pelo contrário, procura uma mais fácil penetração à luz, ou melhor, ao que na referida luz dos trópicos escasseia.

A pele escura torna possível que os

habitantes de regiões pobres de raios ultra-violeta possam aproveitar por completo a quantidade dos ditos raios contida na luz. Ao untar o corpo com óleos e pomadas, o negro africano apoia inconscientemente esta acção.

Vem a propósito referir aqui outro facto singular: os médicos da Indo-China tropical, como os seus colegas dos outros países, aconselham com preferência sumo de laranja para as crianças de mama, mas laranjas californianas e não as do país. Os raios ultra-violeta transformam o colesterol das frutas em vitamina D. Nos lugares em que os raios ultra-violeta são frouxos, as frutas não contêm vitamina de tanta importância para as crianças no seu periodo de aleitação.

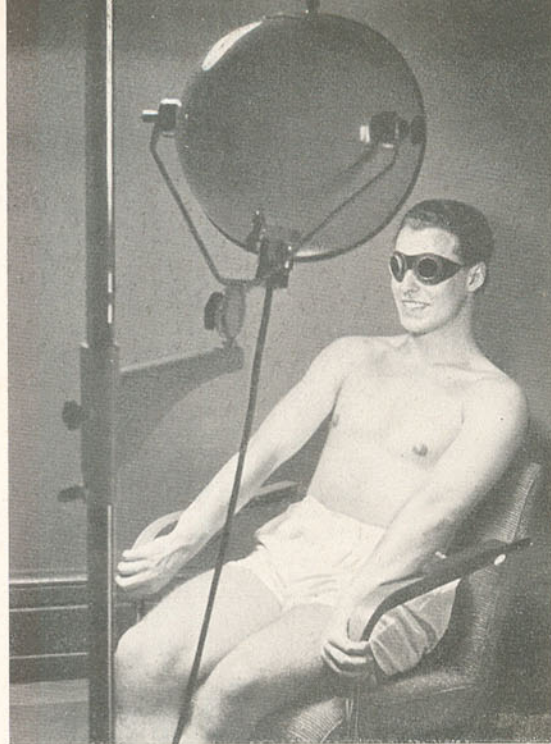
A falta de raios ultra-violeta nos raios solares do trópico é, indiscutivelmente, a causa do mal que, no clima do Sul, sofrem os europeus e os norte-americanos, mesmo quando consigam livrar-se das doenças próprias do trópico, como malária, paludismo, etc.

Os sintomas mais benignos destas enfermidades são a insónia, irritabilidade, cansaço, fadiga mental, acrescentando-se-lhes, fraqueza e mal-estar.

Os filhos de europeus, que nascem nos trópicos, são pálidos e enfermiços e propensos ao choro; abundam entre êles o raquitismo e os tétanos, assim como constipações e desordens digestivas. Até as crianças bem tratadas têm aspecto doentio. Ora todos estes sintomas desaparecem imediatamente se as pessoas, adultos ou crianças, que sofrem do clima, se mudam para latitudes mais temperadas, ou para regiões tropicais que tenham clima mais sêco, e que, embora tão quentes como os outros, não apresentem êsse filtro de ar húmido que absorve os raios ultra-violeta.

É claro que nos trópicos vivem numerosos brancos que gosam de excelente saúde. Em regra geral, trata-se de indivíduos que passam muitas horas do dia ao ar livre, permanecendo muito tempo à luz do sol, e aproveitando assim até o mínimo que exista em raios ultra-violeta, mínimo que um simples cristal bastaria para o absorver.

Muitos não podem fazê-lo: passam o dia no interior das suas casas ou oficinas, e vivem isolados da luz do sol, tal é o receio que esta lhes inspira. Nestas condições, não é de estranhar que o europeu da África ocidental tenha no



Sol artificial

rosto uma palidez mortal, côr que não deixa passar nenhum raio ultra-violeta.

Ainda que pareça um paradoxo, após o que fica exposto, compreende-se a razão porque nos últimos anos, muitos médicos das regiões tropicais húmidas, como Sião, Indo-China, África Ocidental, etc., tenham aconselhado banhos de sol aos seus clientes brancos, não com a intenção de os expor ao sol que tanto haviam evitado até agora, mas para lhes proporcionar os raios ultra-violeta de que careciam.

Actualmente os médicos aconselham mais raramente os banhos de sol natural, visto utilizarem os raios ultra-violeta puros da lâmpada de quartzo, o chamado "Sol artificial", visto não poderem expor os seus doentes ao forte sol tropical. E os resultados são surpreendentes.

Um médico francês na Indo-China recomenda também a aplicação da lâmpada de quartzo no leite, frutas e verduras, logrando assim a vitamina D nos víveres.

Não é o sol quente que torna morena a pele, mas os raios ultra-violeta de pouco calor. Não existe, portanto, diferença alguma entre a acção do sol tropical, insuportável pelo seu calor excessivo, e a aplicação do "Sol artificial", que não incomoda nem molesta.

Eis o que a Ciência nos apresenta por agora, sendo de calcular que outros prodígios nos patenteie amanhã. Por agora temos o Sol Artificial, o que quasi nos consola ante a perspectiva de acabar o Sol como os sábios, há tantos anos andam matraqueando—e talvez com razão.

ANDRÉ LION.



A noiva judia — quadro de Rembrandt

O discurso de Rosenberg, pronunciado numa das primeiras sessões do Congresso anual do partido, em Nuremberg, delirantemente aplaudido e comentado pelos jornais nazis da Alemanha e da Áustria, excitou e comoveu todo o mundo católico.

Rosenberg, filósofo medíocre da Casa Castanha, encarregado pelo Führer de vigiar a pureza da ideia inicial do movimento e de acalentar e manter os princípios geradores, pontificou na presença do Chefe.

É inútil reproduzir as suas palavras, emolduradas de exaltação e de ódio; os seus ataques grotescos, megalómanos, contra o Velho e Novo Testamentos; a figura da Virgem, padroeira de Portugal; a Igreja católica, o Vaticano, Pio XI, veneranda figura de homem e de santo, cuja atitude apaixonou e prendeu a humanidade culta, anti-racista e anti-tolalitária, isto é, todo o mundo excepto a Alemanha bárbara e a Itália vacilante, gravemente enfêrma e contagiada pelo paganismo germânico, pela brutalidade germânica, pela *Kultur* germânica.



Estatuetas hebraicas no Museu de Cluny, representando Moisés e Aarão

A questão das raças, máscara que encobre o desabar de toda a civilização, atingiu, mercê da atitude da Itália o cume da gravidade.

As brutalidades cometidas pela *Gestapo*, departamento canalizador de elementos destinados a provocar a questão judaica, atinge requintes impossíveis de contar ou descrever.

Todas as barbaridades que o cérebro humano possa conceber, todos os martírios atribuídos à Inquisição e aos inquisidores mais astutos são meras brincadeiras de criança perante o espectáculo de pavor que os refugiados da Alemanha e da Áustria contam, enervados pelo soerguer de recordações abomináveis.

Os cérebros mais equilibrados, os indivíduos mais gastos pela vida ou que a vida tornou insensíveis, todas as pessoas cuja alma não esteja totalmente perdida ou tornada para o mal, vendida, não devem e não podem ficar indiferentes ao espectáculo de brutalidade e dor patente a todos os olhos.

São definitivamente reveladoras as palavras de Rosenberg, o ex-noticiário escorraçado das redações dos jornais de Berlim: reveladoras de uma mentalidade que desceu os últimos degraus e se amalgamou com a lama e se confundiu com os detritos que os esgotos canalizam e afastam, prudentemente, do convívio com as pessoas e as almas!

Grande e pobre Alemanha, vexada e amarrutada, reduzida a escombros pelos lunáticos pontos do paralisante geral Wilson e hoje, mercê de uma mutação inexplicável, entregue pela fatalidade e pelo destino a meia dúzia de aventureiros, saídos das camadas mais baixas do povo alemão, coniventes no crime pre-

JUDEUS E CATÓLICOS

Ataques ao Velho e Novo Testamento do Doutor Rosenberg

meditado de a reduzir a escombros morais e materiais, a pasto de guerra das nações que a espreitam e cercam para a retallar definitivamente!

A história do nazismo confundir-se-á,



Falanga judaica, do Museu de Cluny

— o futuro documentará esta minha afirmação —, com a história do último Reich.

O capitão Kendrick, diplomata inglês, acreditado junto do III Reich, apodado de espião e expulso da Alemanha, é mais um testemunho vivo das brutalidades nazis, dos processos da *Gestapo*, da loucura colectiva que acometeu o povo alemão.

Os seus nervos de diplomata, a serenidade nostálgica e fria característica essencial do bom oficial inglês, não se contiveram, tão bárbaro era o espectáculo que os seus olhos contemplaram à porta do Consulado britânico em Viena.

Esses actos, vexatórios para todo o homem consciente da sua condição humana e posição vertical, friamente comandados pelos agentes provocadores da *Gestapo*, de acordo com as palavras de Rosenberg e dos maiores do partido, revoltaram e indignaram o britânico oficial e diplomata.

Fora de si, esquecido da sua condição de fiel servidor de S. Majestade e de di-

plomata acorrentado pelos deveres do protocolo, disse não tolerar semelhantes atitudes à porta ou nos passeios fronteiros do Consulado de um país civilizado.

A atitude humana do capitão Kendrick, digna, inteira, vertical, de acordo com as palavras de Pio XI e do Cardial Patriarca de Lisboa, generosa e prestigiosa figura da Igreja portuguesa, provocou represálias dos agentes da *Gestapo*.

Velhos, mulheres, crianças, homens de todas as condições sociais, homens de ciência, intelectuais, professores, médicos, estudantes, operários foram imediatamente arrastados pelo ódio e pela exaltação para o campo de concentração de Dachau, campo santo de morte e de tortura, pior, muito pior que o "Inferno", de Dante.

O capitão Kendrick, homem lutando no meio de invertebrados, foi preso 48 horas depois, quando seguia de automóvel, acompanhado de sua mulher.

Valeu-lhe a atitude enérgica de Inglaterra, a nota diplomática prudente e firme de Lord Halifax, Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros da Inglaterra, ex-adorador da Alemanha e amigo particular do Führer, cuja serenidade e bom senso chegou a elogiar publicamente. Edificante o exemplo apontado!

As palavras de Rosenberg estão inteiramente de acordo com a atitude dos agentes da *Gestapo* que fizeram perder a serenidade ao capitão Kendrick. Caracterizou-se o Congresso de Nuremberg pela violência dos ataques ao Velho e ao Novo Testamentos, aos judeus e aos católicos, unidos pelo mesmo clima de intolerância, de martírio, de sofrimento, de angústia e de incerteza pelo futuro. ("O que se quer hoje e se empreende com energia e zelo crescente é a destruição da fé católica na Alemanha". Fernando de Sousa, 10-9-38).

O discurso de Rosenberg, urdido com palavras tintas de sangue, eclipsou a gravidade do problema checo e afastou os

poucos simpatizantes que os sudetas tinham penosamente angariado.

Violento e trágico, insignificante de ideias, de conceitos, de vida interior, baldou nos nossos corações, nos corações dos judeus e católicos, de todos os crenes, como triste e inqualificável dobre a finados.

Maior foi a dor do que a revolta provocada; maior a ferida do que a intensidade do golpe!

Perante a unidade e a certeza divina, os sofrimentos morais ou físicos pouco importam; importa a certeza de que a ideia inicial não será atraída e que o Povo do Livro guardará eternamente esse livro, repositório da vontade de Deus, entregando-o intacto às gerações futuras.

As palavras de Rosenberg escaldam menos do que as areias áridas e sequiosas dos desertos. O Povo atravessou as areias quentes desses desertos, sofreu catifeiros, foi vendido a outros povos, afastado do seu lar, disperso entre as nações, subiu montanhas e desceu aos vales mais profundos, assistiu estonteado ao triunfo dos mediocres e rezou, implorando a clemência divina, sobre os túmulos desses mediocres; atravessou o Egipto, a Babilónia, assistiu à queda de Roma e ao desaparecimento de outros povos idólatras, conservando intacta e transmitindo a ideia monoteísta.

Quando é preciso recordar outros povos desaparecidos, cuja passagem na terra não deixou vestígios, é ao Povo do Livro que se pergunta se um dia os encontrou no seu caminho.

¿Que é feito de Atenas e de Bizâncio? ¿Gente de Roma, quem responde à chamada?

Triste sinal dos tempos as palavras enameadas do pequeno profeta nazi. Gro-



Judeus ortodoxos

tesca e insignificante a sua figura quando a colocamos em confronto, em paralelo com a dos apóstolos.

É bem possível, santo Deus, que as ruínas de Roma guardem, ainda, o eco precioso da palavra dos apóstolos ou os queixumes, a dor dos que foram atirados às feras para gaudío de imperadores!

¿Quem nos afirma que esse eco não perturba o sono de Mussolini, único marechal do exército, e o aflige e acusa na impossível paz da noite?

Volto a Rosenberg. Magro partido que tem a defendê-lo tão pobre e gafo pastor...

AUGUSTO D'ESAGUY.



Na Sinagoga Portuguesa de Amsterdã — desenho de Rembrandt



Almirante Horthy, regente da Hungria—retrato por Laszlo

A Hungria, em face da questão dos sudetas, procura tirar algumas vantagens, valendo-se da oportunidade. Perdida esta ocasião, Deus sabe quando poderá aparecer outra. Assim, o almirante Horthy, regente da Hungria, visitou a Alemanha, tendo sido recebido com as mesmas honras prestadas a Mussolini.

Por sua vez, os jornais alemães julgaram vir a propósito sublinhar o tema do Tratado de Trianon, acusando a França e a Inglaterra de quererem manter a Hungria "por manigâncias financeiras", dentro da órbita das potências ocidentais.

Hitler mandou embandeirar todas as localidades em que passou o comboio do regente húngaro. Na estação de Viena aguardavam-no as autoridades civis e militares.

Seis Inquart proferiu um breve discurso, salientando que "uma história comum ligava a Áustria à Hungria". Mas, para que não pairasse qualquer desconfiância de uma mais larga expansão do "Anschluss", rematou: "Recordamo-nos, com orgulho, dessa história, na medida em que significa cumprimento da missão alemã da Áustria e prosperidade da nação húngara."

Chegando a Kiel, o regente Horthy foi recebido por Hitler que se encontrava rodeado pelos seus ministros, comandante em chefe do Exército e comandante em chefe da Marinha.

O "Führer", num requinte de gentileza, ofereceu um ramo de lírios à senhora Horthy.

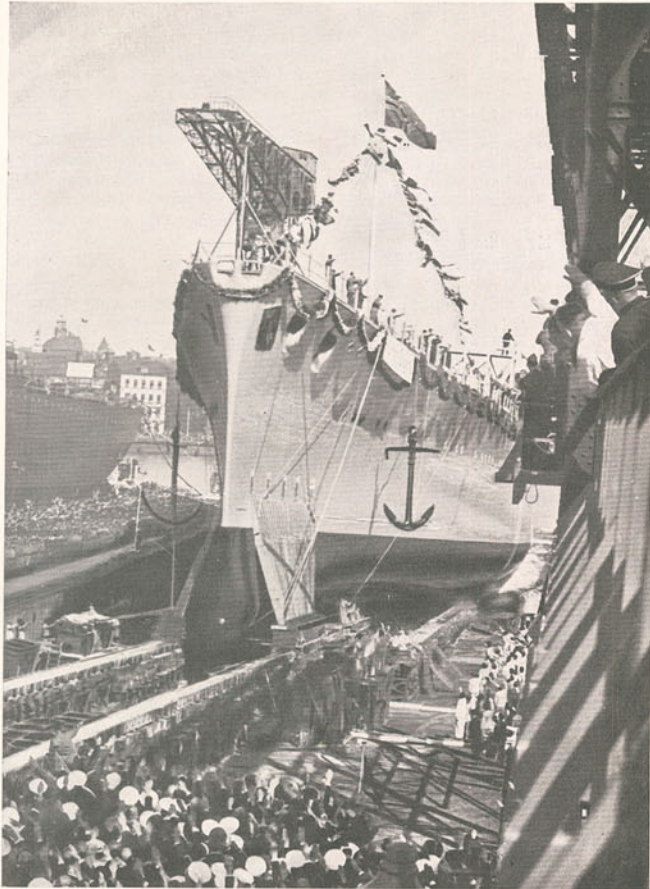
Depois das apresentações oficiais, o regente da Hungria e o "Führer" passaram revista à companhia de Marinha que fazia a guarda de honra, por entre as aclamações entusiásticas da multidão. Seguidamente, Hitler e Horthy e as suas comitivas embarcaram no iate "Nixe", donde passaram revista à esquadra alemã.

Todos os navios se encontravam embandeirados com as cores dos dois países.

Procedeu-se depois à cerimónia do lançamento à água do novo cruzador "Prinz Eugen", de 10 mil toneladas, construído nos estaleiros "Germania", tendo servido de madrinha a senhora Horthy.

Mas, afinal, o que pretende a Hungria?

Disse-se que a visita de Horthy não daria ocasião a novos acordos entre os dois países, e que as conversações incidiriam principalmente sobre as trocas comerciais as de dificuldades de saída de mercadorias alemãs para a Hungria tantos prejuízos causam. Afirmava-se ainda que o Reich não desejava a intervenção directa da Hungria na Checo-eslováquia, em caso de conflito, visto ser sua intenção localizá-lo mais facilmente e evitar a entrada em cena do Pequeno Entendimento. Garantiu-se também que as conversações focariam o rearmamento húngaro — política e tecnicamente — sendo



O lançamento do cruzador "Prinz Eugen" à água em Kiel, tendo sido madrinha, a senhora Horthy

OS PROBLEMAS EUROPA CENTRAL

QUE PRETEND A HUNGRIA?

Em volta das reclamações dadas na Checoslováquia

provável que o Reich aproveitasse vendendo aviões e outro material de guerra à Hungria.

Além disso, nada mais. Pelo menos é que constava das informações oficiais germânicas.

Nisto, o redactor diplomático do "Daily Herald", sai-se com esta:

As esperanças alemãs que viam na visita de Horthy o prelúdio de uma aliança germano-húngara contra a Checoslováquia desvaneceram-se rapidamente por

que a Hungria escolheu precisamente aquele momento para a concluir com a "Pequena Entente", um pacto de não agressão. O facto de os três Estados terem afirmado a garantia mútua das suas fronteiras constitui outro golpe dirigido contra o Reich.

E afirmava: "Continuam as conversações a respeito de "outras questões", sendo de esperar que em breve se chegue a um acórdão."

"Isto de "outras questões", — esclarecia o redactor diplomático do "Daily Herald" — significa a elaboração de um estatuto referente às minorias húngaras na Checoslováquia, Jugoslávia e Roménia. Quando essas "outras questões, estiverem resolvidas, a Hungria manterá então verdadeiramente relações amigáveis com os seus três vizinhos, o que será a primeira vez que tal aconteceu desde 1919."

Segundo a opinião do "Times", sobre a mesma questão, "a entrada da Hungria para o sistema tido a princípio como uma aliança contra aquele país é tanto mais satisfatória quanto é certo que desfaz os receios suscitados pela visita do regente Horthy a Berlim."

E então salienta:

"É evidente que o poder da influência alemã aumentou recentemente na Hungria. O Reich é o mais importante cliente da Hungria, pois compra-lhe mais de 2/5 das suas exportações e 3/4 dos seus produtos agrícolas. Contudo, a Hungria não é um Estado vassallo do Reich. A prova está no tratamento rude a que estão submetidos na Hungria os partidos nazis, e no mal-estar que existe nos círculos financeiros húngaros devido à massa de créditos congelados acumulados em Budapeste. Estas questões devem sem dúvida ser discutidas durante a visita de Horthy, que não é apenas de cortesia."

O "Daily Telegraph and Morning Post", manifesta desta forma a sua maneira de ver: "Todos os cálculos políticos que se fundavam na visita de Horthy a Berlim desvaneceram-se numa maneira clara pelo facto da Hungria ter assinado um pacto com a Pequena "Entente", que deve vir a compreender também concessões económicas e a solução das questões muito discutidas relativas à bacia danubiana. Nestas condições o pacto deve exercer influência benévola nas negociações que se desenrolam entre os checos e os alemães sudetas."

"A renúncia da Hungria ao recurso à força para resolver os litígios liberta a Checoslováquia dum motivo de inquietação e facilita as concessões às minorias.. "O principal interesse da Grã-Bretanha neste assunto só pode ser a conclusão dum acórdão de todas as partes que permitisse a todos trabalhar no quadro da

constituição checa. O Governo francês colaborou zelosamente com o nosso para que se atinja este objectivo e deu o seu inteiro apoio a lord Runciman para que este possa obter uma solução justa e equitativa."

Entretanto, refere a questão dos sudetas que os meios políticos húngaros seguem com vivíssima atenção.

O que pretende a Hungria que tanto se preocupa com a evolução do problema checo?

É bom não esquecer que a Hungria, desde há vinte anos, não cessa de pedir a revisão do Tratado de Trianon, cujas clausulas a afligem.

Como seria de calcular, aproveita a oportunidade da propagação alemã na Checoslováquia para fazer a sua política. Vê o interesse mundial incidir bruscamente sobre a sorte da Eslováquia e da minoria magiar.

Como se sabe, a Hungria reivindica para a sua minoria completa autonomia: anima os movimentos autonomistas eslovacos e rutenos e não abandona a esperança da ligação futura de todos os territórios ex-húngaros. Para a efectivação deste fim a opinião pública encontra-se no entanto dividida.

A grande maioria está perfeitamente de acórdão com o Governo sobre o emprego de meios pacíficos: compreende perfeitamente que em caso de conflito a intervenção desencadearia contra a Hungria os acórdos militares da "Pequena Entente". Por seu lado a extrema direita não hesita em encarar uma solução bélica, única capaz — em seu juízo — de satisfazer as reivindicações territoriais da Hungria. Os dirigentes húngaros puderam recentemente passar em revista todas as eventualidades no caso de agravamento das relações entre os sudetas e checos: parece — segundo os comentários da imprensa oficiosa — que se tratou, sobre-



A senhora Horthy, esposa do regente da Hungria, retrato por Laszlo

tudo em Berlim, de fixar as condições de neutralidade da Hungria, tendo-se em conta as suas reivindicações nacionais.

E, para confirmação do verdadeiro e único fim da Hungria, a Imprensa de Budapeste preconiza a revisão territorial da República Checoslovaca, pedindo que os territórios que já pertencem à coroa de Santo Estêvão sejam restituídos à Hungria ou que, então, seja feito um plebiscito nos referidos territórios.

Eis o que a Hungria pretende... Mas, se este país já fez parte do império austríaco, porque não há de admitir que, mais hoje ou mais amanhã, acompanhe a sua vizinha Áustria num efusivo abraço de "Anschluss"?



Horthy passando revista à guarda de honra na estação de Viena



«Dançarina» — Museu Nacional de Lisboa

N^o Forum, sentado num capitel que servia de adorno aos canteiros que circundam um tanque reconstituído com adobos e mosaicos antigos, e esmaltando as formigas fugidas á fresquidão duns cardos nascidos nas grêtas das pedras, com a biqueira da botina, e contemplando o friso das estátuas mutiladas das castas e patricias Vestais, que em parada evocativa, como se ainda velassem pelo fogo santo do templo da sua deusa e pelos dramas do Paládium, engalanavam aquele átrio majestoso que dava para o Bosque Sagrado, D. Giovanni, mestre-escola, arqueólogo e senhor dado ás curiosidades da oratória, taramelava com

meia dúzia de pacientes colegas de excursão. Estes, de costas voltadas às majestosas ruínas do Palatino, onde Augusto nasceu e fundou o seu Domus imperial, com os arcos dos palácios furados na montanha, dando sombra ao templo pagão que os cristãos por economia e por represálias da fé, haviam transformado na igreja de Santa Maria Antiqua, revestindo as suas paredes com abisantinados frescos de particular feição, católicos e heráldicos, escutavam a sua locaz arenga, como se ela fosse o eco da voz de Cícero que por ali habitou, apoiados a uma arquivade de mármore musgoso, quais caríatides vivas, de carne e osso. Fitando, ora os restos abobadados da basílica de Maxécia que Constantino completou e muitos séculos depois, Miguel Angelo copiou para S. Pedro, com uma cavalgada de núvens suspensa no céu romano a fugir para o cobalto do sul; ora os mimos de escultura, pomposos e estupendos do Arco de Titus — o vencedor dos judeus e o destruidor de Jerusalem —, que em baixo doirava a entrada do enorme e arrasado Templo de Vénus, onde ainda hoje os namorados sonham com ninhos por detrás dos sócos gigantescos do colunário; ora os ciprestes de além que guiavam as caravanas, rentes ás Termas de Caracala para o grillão dos Aqedutos ou para as serenidades da Via Apia; ora para as bandas contrárias, do Tabularium e do Capitólio, sustendo na fundeza das novas vias, as colunas solénes dos templos de Saturno, de Vespasiano, de Castor e Pollux, desaparecidas, ás três e ás meias dúzias, quando não uma só, isolada e altiva, como a de Phocas, ao pé dos estranhos relêvos com carneiros, touros e cevados, do antigo Mercado onde o Pontífice Máximo reunia os concílios políticos e mais tarde se ergueu o Arco vitorioso de Séptimo Severo; mirando, enfim, o mais glorioso passado que o tempo roeu e sublimou na imaginação da História, aquele grupo de estudiosos

DEVANEIOS

Por entre as ruínas

Assim falou mestre D. Giovanni

pacatos, com os sapatos, os pulmões e a poesia, encharcados na poeira augusta dos séculos, parecia obra da Cook, ali postado para pasmo dos turistas que devassam e pisam e conspurcam as pedras e sítios mais belos de Roma, rindo e suando, na mais inconsciente e bementurada bacoquice humana.

O sol declinava e a brisa naquele patim recolhido, era agradável e saborosa, depois dum tórrido dia de Agosto, com securas nas gúelas e zumbidos das cigarras por entre os mirtos e azinheiras das ruínas. No chão, ainda as tijoleiras queimadas e gastas, guardavam o calor teimoso das revestaduras dos fornos. Lá em baixo, como cabritos em montado, galgavam os môros e as escadeiras dos vários escombros da Via Sacra e da basílica Júlia, pasmando com o encaixe do templo de Antonino — o Pio — agora transfigurado pelo barôco de S. Lorenzo e de Santa Francesca Romana, com lindos mosaicos e uma Virgem pintada por S. Lucas, magotes de alemães a arranharem com o gutural da sua voz, o sossêgo da tarde, que seguiam, como formigueiro militar, uma magriza loira e de óculos de tartaruga, a qual de livro em punho, constatava algo a verdade arqueológica daqueles lugares.

D. Giovanni havia arrancado um galho de loureiro, na passagem dos fossos do Coliseu, que desfolhara até meio e deixara a ponta em penacho, para lhe servir de enxota-móscas e brinqueado ás suas mãos distraídas. Também a vara lhe era útil para indicar aos colegas do passeio as pedras divinas que tanto amava, consoante ia perorando a propósito da História e das mil peripécias brilhantes que o seu coração, tanto como a sua memória, retinha e acariciava com excepcional paixão. Ao mesmo tempo aquele bastão vegetal dava-lhe autoridade, servindo-lhe de chibata para tocar os ouvintes amigos, jeito que lhe ficara do ofício de condutor de rapazes, e, pelo sim pelo não, sempre aquelas folhas aromáticas da vergasta o iludiam muito intimamente, no seu sonho de professor em Pérúgia, calvo e presunçoso, regalando-se em procurar com elas decorativa sombra ás orelhas, como se estivessem já armadas em corêa de glória, tal e qual aprendera nas imagens dos seus ídolos, um dos quais era o Alighieri, de Santa Maria del Fiore, em Florença.

— «Roma, meus amigos, digam os fanáticos quanto o bestunto lhes sobre e quanto lhes aprouver á língua, foi ofendida pela Igreja!» — afirmou D. Giovanni, com um dedo no ar, como se imitasse

INCOERENTES

olímpicas do «Forum»

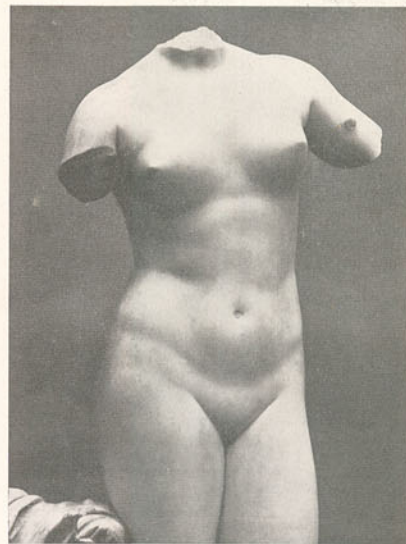
orador, arqueólogo e filósofo

o Moisés, de Méstrovic. «Vejam que fabulosa monstruosidade é aquela maravilha de S. Pedro, obra opulente de vaidade e de usurpação, com o capicete descomunial de Miguel Angelo a tapar o céu ao Mundo, verdadeira tiara de milionário que Jesus condenaria, imitada por milhões de barretinas pousadas pela terra além, e com as centenas de braços das colunas de Bernino, impressionantes e a saírem da terra como uma floresta de ameaças, fechando quasi o círculo duma escadaria vasta, decalcada na engenharia dum anfiteatro remoto! E tudo isto foi engendrado pela soberana soberba de quarenta papas que lá despejaram os seus tesouros, e pelo génio de não sei quantos arquitectos com o Bramante á cabeça, sôbre as ruínas olímpicas do Forum de Cesar, numa vingança bárbara de ditadores, querendo assim castigar a memória de Nero, que só á sua conta e naquele circo, martirizou os primeiros milhares de cristãos! Dizem que o apóstolo S. Pedro, inculto pescador, que aprendera as manhas de político para alcançar o trôno dum papado, fóra crucificado no eixo daquele circo, onde se espetou mais tarde aquele obelisco afiado como punhal, símbolo que a Igreja repetiu nas principais praças de Roma, para que as peregrinações vindas do Oriente, em seu redor se juntassem em clamorosos protestos. Reparem, meus amigos, que esta obra que levou duzentos anos a fazer, nem sequer é de grande originalidade, imitando os antigos por todas as maneiras, servindo-se até das suas melhores pedras, copiando-lhes a fábrica total para meter lá dentro setenta mil pessoas, como num coliseu, e que de novo só tem a bola do remate da cúpula, onde consta que dúzia e meia de pessoas podem bater um estaladinho!

«Mas não precisam de ir tão longe para verificarem o que digo: — contem essas igrejas que os católicos espalharam aqui dentro do Forum, com os seus campanários parodiando os minaretes de ataláia, dos árabes, a entristecerem os monumentais alicerces de outrora, que eram vivos e alegres pelos cultos do amor, da mercância e das oratórias do Senado, profanando a pouco e pouco com recócosimos tenebrosos, a grandiosidade arejada dos altares do paganismo, que fóram, como estão vindo no talhe deste pápio que nos serve agora de academia, os mais harmoniosos da terra, e monumentais como nenhum outro povo os soube delinear e vivificar. Este templêto de Vesta é uma preciosa amostra do gôsto romano

pelos joias arquitectónicas! E quando a incapacidade lhes aconselhava matreirice, em vez do saque recorriam á adaptação, pregando com a estátua de S. Paulo no cocuruto da coluna de Marco Aurélio, destruindo pelo fogo a figura deste vencedor dos germânicos e de Faustina, que, em bronze doirado, rivalizava com a de Trajano, a qual agora ali encravada entre duas igrejas, parece um castiçal de preito ás mesmas! Entretanto, fóram alombando com os mármoreos sem par e glórios, daqui para os salões do Vaticano, e Deus sabe, se não fosse o medo á injúria, quantos não figurariam nos altares disfarçados em santos ou a fingir de cardiais!... As grandes portas de bronze, no meio da entrada de S. Pedro, que Filarete transformou com novos gravados, eram dali em frente de nós, daquela estupenda basílica de Constantino! O sarcófago de Júnio Bássus, lá dentro, não é senão um plágio, como depois pelos séculos fora se fabricaram milhares deles, onde em vez de togas, aparecem casulas! E S. João de Latrão donde nasceu? Aquele imperador Constantino devia ter sofrido as mais atrozes angústias do remorso, ao dar a alma ao Criador!...»

Ao atirar esta bujarda para cima da paciência do seu auditório, D. Giovanni deixou cair a chibata de loureiro ao chão, e ao dobrar-se para a apanhar, bateu com a rótula num acanto do capitel que lhe servia de cêtedra, largando uma exclamação descoriês enquanto esfregava o osso ofendido, que fez rir os colegas e



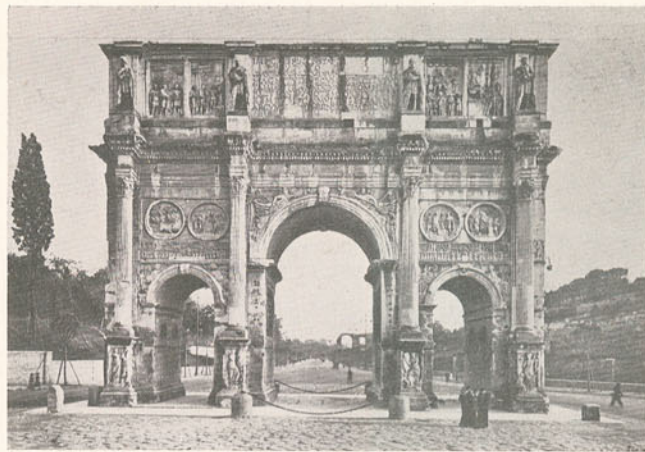
Vênus de Cirene — Museu Nacional de Roma

lhes desmanchou a linha de caríatides. Um deles, enfasiado com a perlanga, senhou-se na borda do tanque e, com os dedos, distraiu-se a provocar circunferências à flor da água. O mestre-escola, porém, não desarmou com este incidente. Ergueu o ceptro vegetal, coçou uma orelha e continuou:

— «Como se não bastassem as inclencias destruidoras do tempo e a mão terrível das soldadescas bárbaras, insaciáveis de cataclismos, que gozam com a devastação das obras de arte e refocilam, depois, como feras, por entre os



Baixo relevo com animais — Forum de Roma



Arco de Constantino e Via do Triunfo



Uma vista da Roma imperial

buracos das ruínas dolorosas! Vítimas augustas e silenciosas! E riam como nós, os malvados, em busca de oiro até rasgarem os corpos em sangue, felicíssimos por tornarem o mundo em escombros, enquanto o não pulverizaram e o reduziram a cinzas!

“Creiam que as sensibilidades venturosas que têm o poder das reconstituições e são tocadas pela graça mágica de sentir o Passado, como a minha, prêmio que o Destino oferta apenas aos detentores das evocações de triunfo, porque as restantes são mesquinhas, sangram profundamente na análise das ofensas raivosas que provocam as cegueiras das hordas perdidas por idolatrias contrárias à majestade dos deslumbrantes espetáculos. Os meus amigos sorriem, bem vejo, e com isso me magoam; mas resta-me o consólo deste reaccionarismo sublime, que é um favor da História e da Arte perseguidas e, portanto, tão humano como o da revolta dos desherdados. Podem chamar-me jacobino ou sectário, e acusarem o meu espírito de liberal, com os mais diabólicos epítetos; isso pouco

me importa porque a opinião dos iconoclastas... é gemido do chão que não chega às estrelas! Mas também lhes juro que quando olho para aquela Tôrre alem do Mercado de Trajano, apesar de admirar o génio que ela albergou, amaldiçoão as mãos de quem a ergueu, só pela lembrança do hediondo crime para que serviu, naquela noite de regafofe assassino que um tirano gozou, iluminado por ódios e pelas chamas da urbe eterna!”

E ao dizer tão retóricas vulgaridades, o douto D. Giovano parecia desafiar Nero no tumulto das lendas, olhando de soslaio para dois dos assistentes que cochichavam, arredados, crescendo-lhe a escumilha nos cantos da boca como

se fôsse duma fervedura levantada do coração. A Tôrre, porem, dominando o Quirinal e o monte Capitolino não se sentiu abalada com aquela maldiçoão. Os dois maus discípulos do sensível arqueólogo, indiferentes à diatribe deste, debruçavam-se nos calhaus que serviam de parapeito às escadas do átrium, para cubicarem duas raparigas de perna bem torneada, que em baixo lambiam gelados, dizendo brejeirices ao vendedor ambulante.

“— Destruir uma beleza máxima — prosseguiu o orador — de fausto e omnipotencia, em pleno apogeu de civilização, para com as mesmas pedras e no mesmo chão erguer uma outra duvidosa, de taciturnos misticismos e sacrificios de carne, numa vingança indigna de verdadeiros conquistadores, mais me parece inspiração do Diabo do que conselho de Deus! Os vencedores tendem sempre para os desleixos dos abusos; de aí, os pecados da vitoria dos homens. Como se a beleza eterna, fruto dum amor e duma fantasia felizes, quisesse saber das mágoas dos descontentes com crenças opostas, das idolatrias novas e dos

queixumes dos escravos... ou só se justificasse pelas tiranias dum ou doutro algoz e pelos desmandos fatais das quimeras ou insaciabilidades de quem se alimenta com oiro!... No fundo, a beleza é anti-sentimental. E' aristocrática. Que nos importa a nós os milhares de vidas devoradas na construção e na arena daquele Coliseu, quando pasmamos perante a sua majestade, apreciamos os encantos da sua beleza?

“A minha exaltação chega a tornar-me incoerente, quando penso nestas coisas. E' que a minha razão é elástica e nada tem a ver com a dos filósofos escravizados. Quem não me conhecer pode julgar-me um vulgar jogador de paradoxos; mas só eu sei quanto aborreço esses preciosismos hipócritas e intelectuais, como condeno a loucura dos ambiciosos e dos obcecados. Felizmente que as pedras de arte, como as árvores de fruto, criam raízes na terra, à qual se agarram com gana, possuindo-se umas às outras como corpos esfaimados de perpetuação! Pelas que vêdes aqui em redor, calcula-se bem quantas têm reagido às inclemencias das tempestades, às fúrias dos homens e às selvajarias dos ideais inimigos. Nem Pompeia, lá longe, morreu de todo, sob aquele mar de fogo, meus caros amigos! Os museus estão repletos desses milagres. Até o Vaticano venera à parte, milhares de imagens pagãs, que lhe dão riquíssimo dinheiro todos os dias, com milhões de visitantes a seis liras por cabeça! Quem nos dera por ano o rendimento duma semana daqueles “guichés”!... Digam-me lá se afora o pingue das missas nas quatrocentas igrejas de Roma, há outra receita que se lhe compare, alem do preço que nos exigem para admirarmos as artes dos gregos e dos romanos, que deviam ser mais nossas do que deles! Nem as libras do Egipto lhes chegam ao calcanhares!... ”

“Roma, meus amigos, foi ofendida pela Igreja, que dela vive agora!... ”

Ao deixar fugir pela boca carnuda e já aflita com a seguidão da língua e dos raciocínios, este repto em segunda edição, e todas as exclamações emaranhadas de lógica que o amparavam, toda esta verborreia que há muito lhe andava engulhando o coração e jogando a bisca com os pensamentos, D. Giovano limpou o suor da testa como quem a puxa para cima com a palma da mão, e estendendo depois o braço armado com a vara de louros, que foi a do seu condão locaz, numa pose importante que parecia copiado do bronze de Augusto à entrada da Via do Império, tomou uma atitude de desafio e assoou-se. Um besoiro de asas translúcidas, tremelicando como brinquedo de ventoinha de vidro, corria atrás duma lagartixa cõr de jade, a qual de pedra em pedra e de toca em toca, temendo o ferrão da adversário, se esgueirava pelas frinchas das tijoleiras, mais parecendo dois amorosos cheios de caprichos no jôgo maroto de demorar os encantos de posse, do que na realidade a luta de dois seres que por não se compreenderem, se perseguiram.



A Via Appia com o aqueduto de Claudio — Arredores de Roma

VIDA ELEGANTE

Festas de Caridade

CASA DE TRABALHO DE SANTO ANTÓNIO

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se na tarde de sábado 10 de corrente, no salão do restaurante do Casino Estoril, uma elegante festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte D. Antónia da Cunha Franco, D. Alice de Sousa e Melo, D. Beatriz Pinto Gonçalves, D. Branca de Sommer Andrade, Condessa de Murça, Condessa de Vil'Alva, D. Eugénia da Costa Cardoso, D. Eugénia Perestrelo de Mezer, D. Josefina Arbués Moreira, D. Maria Cândida Lupe Santos Jorge, D. Maria Leonor Madureira e Viscondessa de Santarem, cujo produto se destina a favor do cofre da Casa de Trabalho de Santo António do Estoril, festa de que constou de «chá» durante o qual se exibiram em vários números os brilhantes artistas Corina Freire, Carmencita Aubert, Nascimento Fernandes, Zé Manuel (o Rei do Cavquinho), e a parilha de baile Dina e Salvador, que mais uma vez tiveram ocasião de pôr em destaque as suas qualidades de artistas consagrados, uns cantando, outros dançando e tocando.

Na assistência, que enchia por completo o vasto salão via-se tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante actualmente passando o verão, tanto em Cascais e Estoril, como de Sintra e das outras praias da Costa do Sol.

A comissão organizadora deve decerto ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos, tanto financeiro, como artístico e mundano.

PREVENTÓRIO DE COLARES

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte D. Alice Capela de Moraes, D. Ana da Câmara Ribeiro Ferreira, D. Beatriz Teles de Magalhães Colaço, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, condessa de Castro, condessa de Mangualde, condessa da Torre, D. Constança de Vasconcelos e Sousa Lino, D. Eugénia de Castelo Branco Alves Diniz, D. Helena Mauperrin Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Inez de Sousa da Câmara de Moraes Sarmento, D. Izabel Pinto de Moraes Sarmento, D. Josefina de Canto e Castro da Costa Salema, D. Leonor Pinto Leite de Melo Breyner, D. Lívia Arriaga e Cunha Braamcamp de Melo Breyner, D. Maria Amélia Pinto Basto Lupi, D. Maria Amélia Cabral Sacadura Vieira Monteiro, D. Maria Amélia Tamagnini Alves da Fonseca, D. Maria Amélia Teixeira Bastos, D. Maria Ana Machado de Castelo Branco Berquó, D. Maria de Carmo Mazziotti França, D. Maria da Conceição Homem Machado Pizarro de Melo, D. Maria Cristina Fontes Pereira de Melo, D. Maria Emília Homem Machado Mendes de Almeida, D. Maria de Figueiredo Cabral da Câmara, D. Maria Luiza de Carvalho Monteiro, D. Maria Luiza d'Orey Gaivão, Marquesa de Cadaval, D. Piedade Lobato de Melo, D. Rafaela Tota, D. Sofia Baerlein de Castelo Branco, D. Vitória Veloso Salgado, Viscondessa de Asseca, e Viscondessa de Taveira, realizou-se nos dias 10, 11 e 12 de corrente na Esplanada da Adega Regional, em Colares, um «Arraial Popular» cujo produto se destinava a benemérita instituição «Preventório de Colares» tendo tanto de tarde como á noite atraindo ali uma enorme e selecta concorrência, não só de famílias de Colares, e Praia das Maças, como de Sintra, Cascais, Estoril, e Ericeira; fazendo todas as barracas óptimo negócio.

Na tarde do dia 11, domingo, efectuou-se uma interessante «ginkana infantil», em que foram disputados em várias provas artísticos prémios.

A comissão organizadora deve decerto ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos tanto financeiro, como mundano.

JANTAR Á AMERICANA

A favor da assistência social do 10.º Batalhão da Legião Portuguesa de Cascais, realizou-se na noite de 1 de corrente por iniciativa do seu co-

mandante o major sr. António de Mascarenhas e Meneses, no salão do restaurante do Casino Estoril, um «jantar á americana» seguido de baile, que constituiu sem dúvida alguma dos acontecimentos mundanos da presente estação na Costa do Sol. O aspecto do salão do restaurante nessa noite era verdadeiramente encantador, recordando-nos ter visto em roda das pequenas mesas entre outras pessoas as seguintes:

Marquesa de Ponte do Lima, Marquesa do Cadaval, Marquesa de Tancos, Condessa de Carnil e filha, Condessa da Góvoa, Condessa de Moser, Viscondessa de Almeida Garrett, Viscondessa de Botelho, Baronesa de Cadoro, D. Pedade Valdel Briffa, D. Isabel de Melo de Almada e Leicastre, D. Maria José de Matos Fernandes Duarte Silva, D. Sara Burnay, D. Maria de Andrada e filhas, D. Maria do Carmo de Noronha Husum, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arraga e Cunha e filhas, D. Maria do Carmo Soares de Albergaria Burnay, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho e filha, D. Amélia Rojão Caiola Bastos, D. Madalena Sotto Ma or Pinto Basto e filha, D. Clara Abudarahm Buzaglo e filha, D. Guita de Calheiros e Meneses, D. Maria de Oliveira Reis, D. Maria Laura Magno Rodrigues, D. Isabel Ortigão Burnay de Almeida Belo e filha, D. Carolina Correia de Sá Pais do Amaral, senhora de Sena Pereira e filha, D. Ana da Câmara Ribeiro Ferreira, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, D. Gabriela Machado Pinto Basto, D. Palmira Lucas Torres, D. Maria de Figueiredo Cabral da Câmara, D. Maria Madalena de Castro Pereira e filha, D. Isabel Maria da Costa de Macedo Gentil, D. Maria Carlota de Sommer Pereira Salgado, D. Maria do Pilar Benito Garcia Salazar de Sousa, D. Maria Luisa Gomes Salazar de Sousa, D. Maria Helena Bastos Gonçalves, D. Maria José Lobo da Silveira Bileck, D. Sofia Buzaglo de Moser, D. Maria Eugénia Correia de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Luísa d'Orey de Brito e Cunha, D. Maria da Câmara d'Orey Pinheiro de Melo, D. Maria Ma uela Burnay de Lancastre, D. Isabel Maria Roque de Pinho Basto, D. Maria Francisca da Câmara Pinto Basto, D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, D. Maria Ulrich Pinto Basto, D. Maria Helena de Moraes Cardoso de Meneses, D. Maria de Carvalho Moraes, D. Maria Helena Lucas Torres de Farinha, D. Helena de Melo e Costa da Câmara e filha, D. Sofia de Campos Henriques de Alme da Costa, D. Maria José de Sequeira Nunes de Tovar, D. Maria do Carmo da Costa Lima Vilar, D. Leonor Pinto Leite de Melo Breyner, D. Maria Adelaide da Câmara Vilar, D. Felismina Canas Gardim, D. Tomásia Canas Pereira, D. Maria Cohen Espírito Santo Silva, D. Maria Carlota Centeno Gorjão Henriques de Lancastre Freitas, D. Rosane de Serpa Pinto de Lancastre Freitas, D. Maria Natália Dio, o da Silva dos Reis Torgal, D. Maria Benedita de Castro Pereira Arouca, D. Maria Fernanda Moreira da Cruz Ferreira, D. Maria de Rivar, D. Joane von Gingelen e filha, D. Maria José de Castelo Branco Parreira, D. Maria Isabel Nunes de Almeida, D. Lidia Oliveira César, D. Maria Carolina Gomes Palma, D. Maria Matilde Homem, etc.

Casamentos

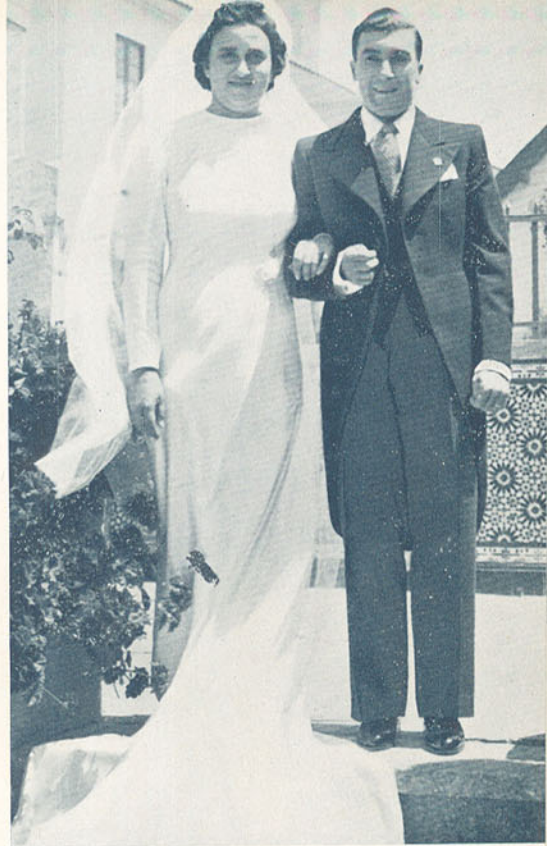
Em Santo Amaro de Oeiras, celebrou-se na capela da residência da sr.^a D. Maria do Carmo Vasconcelos Porto Pereira Machado e do sr. dr. Francisco Cordeiro Pereira Magalhães Machado, o casamento de sua gentil filha D. Maria José, com o distinto engenheiro técnico da Companhia do Gaz e Electricidade, sr. Jaime José da Silva Dray, filho da sr.^a D. Beatriz da Silva Dray e do sr. José Dray, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Carlota Vasconcelos Porto, tia materna da noiva e D. Maria Francisca Pereira Machado, e de padrinhos os srs. dr. José Cordeiro Blanco e Eduardo Augusto da Silva, presidindo ao acto o reverendo cônego Anaquim, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia, foi servido no salão de mesa da elegante residência, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na paróquia dos Anjos, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Maria José de Saude Gomes, interessante filha da sr.^a D. Domitila de Saude Gomes e do capitão sr. Júlio Gomes, com o sr. Vasco Bessone Basto, filho da sr.^a D. Berta Bessone Basto e do sr. José Bessone Basto, servindo de padrinhos por parte da noiva, os srs. Viscondes de Olivá e por parte do noivo, o sr. dr. Fernando de Bredorode e sua esposa.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para Estremoz, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.^a D. Gilberta Custódia da Costa Gouveia, gentil filha da sr.^a D. Elisa Augusta da Costa Gouveia, e do capitão sr. Custódio Rodrigues Gouveia, com o distinto médico veterinário sr. dr. Umberto dos Santos Xavier de Paiva, filho da sr.^a D. Laura dos Santos Xavier de Paiva



Casamento da sr.^a D. Maria José de Vasconcelos Porto Pereira Machado, com o distinto engenheiro da Companhia do Gaz e Electricidade, sr. Jaime José da Silva Dray, por ocasião do seu casamento celebrado na capela dos pais da noiva, em Santo Amaro de Oeiras. (Foto Alvaro Campeão)

e do major sr. João Xavier de Paiva, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Maria de Lourdes Mendes Dias e de padrinhos o pai da noiva e o coronel sr. José Policarpo Dias.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para Vila da Feira, onde foram passar a lua de mel.

Nascimentos

A sr.^a D. Maria Domingas Luiza de Sousa Coutinho, esposa do sr. Manuel Corrêa de Sampaio de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), teve o seu bom sucesso. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Eugénia Wrem da Silveira Viana Machado, esposa do sr. Manuel Mendes Machado. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— Na Casa de Saúde de Benfica, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Beatriz Gentil de Penha, esposa do sr. Penha. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

Baptizados

Em Farolões, celebrou-se na igreja matriz, o baptizado da menina Maria do Céu, gentil filha da sr.^a D. Maria Beatriz da Fonseca Figueiredo e do sr. Manuel de Figueiredo, tendo servido de padrinhos seus tios a sr.^a D. Ana Braga de Figueiredo e o sr. Avelino da Fonseca.

— Na paróquia de Benfica, celebrou-se o baptizado do menino Luiz interessante filho da sr.^a D. Arminda da Cruz Cordeiro e do sr. Luiz Basto Cordeiro, servindo de madrinha sua avó paterna a sr.^a D. Maria e de padrinho o sr. José Eloy Garcia.

— Presidido pelo reverendo prior da freguezia, celebrou-se na paróquia das Mercês, o baptizado do menino José António, gentil filho da sr.^a D. Francisca Munoz Miguez Vilan, e do José Vilan Junior, tendo servido de madrinha, sua tia materna a sr.^a D. Maria do Carmo Muñoz de Almeida e de padrinho seu tio materno o sr. Adelino de Almeida.

D. NUNO.



Mas naquela noite, na véspera do feriado; talvez uma quarta-feira, talvez um sábado...

Viera, o Vasco Borges, que só parecia desgarradamente, uma ou outra vez, pois era um estudante assíduo, muito caseiro. E sentia bem que, sendo calouro, não devia vadiar, sujeitando às *trouzes* a sua magnífica cabeleira e as suas brancas mãos patricias: — respeitava as praxes e a força...

De nós três, só o Vicente era veterano, repente do 1.º ano de direito; e só ele, por isso, gozava da inteira liberdade de circular pelo Bairro Latino, depois do toque da cabra.

Durante horas conversaram, brincando e rindo. O que é ser mçô! Quando hoje nos encontramos, ó Vasco, já nos rimos; sorrimos, e a custo; no nosso semblante paraliza-se a indecisa expressão de quem mal se conhece, se nos recorda o passado, e comparamos... Como nos parecemos tão pouco!

Eu não fôra nunca a Lisboa; e era a sua Lisboa que lhes estava sempre na mente e no coração, como se estivessem deportados na Lusa-Atenas, e minorassem as suas mágoas de exilados, evocando os esplendores da sua festival Babilónia.

Reuniões elegantes, kermesses, teatro, parques de Cascais, touradas, passeios e jogos, alinhavam-se, no friso daquela conversação, a que eu era alheio, tão pitoresca de detalhes, tão fremente de entusiasmos, tão repassada, ingenuamente, de saúde!...

Seriam dez horas quando o Vasco saiu; apagámos a luz, e fomos para o varandim.

Que noite!

O luar caía sobre Santa Clara, em doirado alvôr, como se diáfano, inconsúteis véus de freirinhas, professando, se estendessem, unidos em velário, nimbado, pela derradeira luz, pelo brilho solar da sua mocidade em flor.

Silenciosos, paravamos absorbo na noite silente, alheios às coisas passageiras, de que nem ouvíamos a voz.

Alguém, porém, subiu a escada:

— Vocês não estão cá?

José Sacras, meu primo e dilecto companheiro de casa, sempre vibrando alegria na sua linguagem tão beirã, acordava-nos, desprendia-nos de embevecimento em que mergulháramos como num dormente gôlfo de ilusão e de mistério.

E, sentando-se à nossa beira, começou logo contando piscarias, caçadas, cavalarias altas dos tradicionais desportos provincianos, de que seria mestre, antes e depois da formatura.

O Vicente não era aficionado: entrou a cabecear... E, para desviar conversa, dirigindo-se-me:

— Ora tu, que és um demagogo, ainda não notas-te a extravagância de este caso Calmon ter levantado as pe-

Recordações e apontamentos

Numa saudosa evocação de Coimbra passa a figura de Vicente Arnoso

dras das calçadas desde Melgaço ao Cabo de Santa Maria, e Coimbra não ter dado sinal de si?

— E quererá um filho do Secretário de El-Rei amotinar o Povo? — respondi, taca a taca.

— E porque não? Vamos a isso...

Mal tinha pronunciado estas palavras, e já eu clamava do alto da minha torre, porque era uma verdadeira torre o varandim:

— Abaixo os jesuítas! Abaixo os jesuítas!

O criado acudiu, estremunhado. E, de roldão, todos quatro descemos,



gritando, até à rua, onde se nos juntaram dois estúrdios estudantes de teologia, nossos vizinhos.

Subimos até ao Castelo, rodando, em seguida, pela rua Larga. Em altos brados, descemos pelos Loios, e atravessámos o Largo da Feira...

E ia acabar o motim, porque não nos chegavam reforços, e éramos ali apenas seis cidadãos, cónscios dos seus direitos: só estavam representadas duas das cinco faculdades, e ao verdadeiro Povo pertencia só o criado Alfredo, a quem o poeta João Lúcio chamava *Quarto Estado*, isto é, em seu entender — a população.



Quási onze horas; e nós não tínhamos bebido, nem estávamos dispostos a beber... Quando o nosso chefe, o fidalgo D. Vicente, nos advertia que não era de tempera para tão levanamente renegar a sua profissão de fé anti-clerical, e que mister se tornava que cada um tomasse as suas responsabilidades... E dito, investiu contra o Arco do Bispo, ergueu, na ponta duma vara de ferreiro que o Alfredo trouxera, a sua velha capa como um pendão de guerra, e rompeu, terrível: — Morram os jesuítas!

Secundamo-lo, farandolando à volta do Paço Episcopal.

— Ao menos — dizia — acordaremos o Poeta, que vai apanhar grande susto. Este Poeta, muito das boas relações do Vicente, era Eugénio de Castro, sobrinho do Bispo-Conde D. Manuel Bastos Pina, com quem vivia...

Mas eis que das ruas da Matemática e do Loureiro se precipitam, á carga, vinte a trinta académicos, juntando aos nossos os seus clamores!

Então puzemos toda a Alta em inferneira... *Repúblicas* inteiras despertavam. Magotes e magotes de *sacas de carvão* se desencadeavam, em torrentes; e na rua das Casinhas, na rua do Borrvalho, na rua do Forno, doces Beatrizes, românticas Lauras, ardentis Palmiras, erguiam-se do leito em trajos ligeiros, e ligeiras corriam por entre os grupos amotinados contra o monstro jesuítico. Já a Conceição do Carquejo flamejava a sua cabeleira solta, revolucionariamente ondeando como a trunfa de Campos Lima.

Pacíficos burguezes assomavam aos peitoris, com as suas curiosas consortes; e já meninas recatadas, que comungavam todas as semanas, se debruçavam das sacadas. E foi, decerto, uma delas, que na rua de S. João, um momento, ensaiou



os acordes subversivos da *Marzelheza*...

Alguns lentes, que vinham do seu Grémio dos Palácios Confusos, benévola-mente paravam, a ver desfilar o cortejo. Porque era já um cortejo! A nós vinham, pois, Clero, Nobreza e Povo...

Compassamos a marcha, proclamando moderadamente: — Abaixo os jesuítas! Morra a reacção!

Esta gradação de condenações, que não alcançou, na pena de morte, as pessoas, mas sómente as ideologias, fôra estabelecida por mim, que — como agora se vai descobrindo — fui sempre, afinal, um moderado...

Mas fô a última coisa que pude estabelecer, porque, quando desembocamos



na Baixa, pelo Arco de Almedina, encontramos uma multidão de centenas, talvez de milhares de pessoas, na qual nos confundimos, como um rio no mar.

Operários, gente do comércio, empregados públicos, e — não sei como — até soldados, engrossavam de contínuo aquela agitada massa, que transformara a Calçada em Forum.

O Vicente, autor anónimo da manifestação, estava estonteado do sucesso, e chegou até ao ponto de um bradar, rouco de comção: — Ora aqui tens tu, teórico jacobino, como se geram os grandes factos históricos... Foi uma multidão destas que tomou a Bastilha!

E que tomaríamos nós?

Ha muito já que a capa do Vicente, balsão insurreccional, ia em outras mãos: como sempre sucede, nestes movimentos profundos, a vaga solta tinha revolvido tudo, e outros chefes tinham surgido, e iam à testa da gigantesca mole.

— Morram os jesuítas! Morra a reacção! Era uma chacina horrorosa de imprecações...

Tudo tremeu durante meia hora: disse-a que o facho incendiário da Revolu-



ção se apertava para reduzir a cinzas a Calçada, a rua Visconde da Luz e a Sofia, a Portagem e Samsão, as igrejas, as agências dos bancos, os quartéis!

Passava da meia noite. Farto de gritar, e sem que desabasse sobre ela, estimulando-a, uma carga de janizaros — não se avizinhara mesmo um polícia... — a multidão, cumprida a sua missão de protesto, amainava.

— Abaixo os jesuítas! Morra a reacção! Morra! Morra! E viva o Marquês de Pombal!

Parecia a última girândola — o derradeiro troar do clamor da Cidade...

De repente, a esfarrapada capa do Vicente oscilou nos ares, tremulando agora num autêntico pau de bandeira arrancado da frontaria duma sobreloja... A multidão desagregava-se, e um grande bando, guiando-se por ela, refluíu na Almedina, e trepou Quebra-Costas.

Quási tudo estudantes: voltavam a suas casas?

A Sé Velha, o tropel parou, por terem parado, à frente, os chefes. Pactuavam, em conciliábulo, algum grande feito?

Seguimos pela rua das Covas em en-surdecadora algazarra, que chegou ao cúmulo, tomando o Campo da Feira.

A luz dos lampões, perscrutei olhares esgaziados...

— Vicente, olha que eles vão forçar as portas da Sé Nova!

E, ao dizer-lho, eu visionava já o erguer de machados, as fachinas criadas dos assaltos, o petróleo, a dinamite...



Eu morava então em Coimbra, na rua dos Anjos, ao fundo, do lado esquerdo de quem desça, no 2.º andar, que dava para um largo na confluência da rua da Trindade com a dos Militares.

Da janela do meu quarto via-se um trecho do Mondêgo, junto à ponte, e da banda de Santa Clara, alcançavam-se, com nitidez topográfica, o casario disperso e a colina do convento, e divisavam-se, a distância, os prolongamentos das serranias do Espinhal, num luminoso céu, sempre às tardes velado dum alôr de neblina, diluindo-se no relvêo brando em esmaecidos tons de róseo, lilaz e violeta.

Identificar-se-á grande parte dos quadros pintados em Coimbra no nosso século XVII, pelas côres destes maravilhosos poentes.

Vicente Arnoso, morava perto, na Couraça de Lisboa, e vinha todos os dias em que se resignava a estudar, pois, estando comigo, lhe custava menos a enfiada leitura das *sebentas*.

Corremos: ninguém avançava para o templo, mas as vidraças do Paço começavam a tilintar; dentro em pouco, um metralhar de pedras varejava as janelas! Morram os jesuitas! Morram! Morram!

O Vicente lívido, ao lívido luar, de batina aberta como uma elegante casaca de baile, alto, franzino, rangendo os dentes de desespero, arremessara-se contra os apedrejadores, rodeado dos cinco companheiros que gloriosamente haviam iniciado a jornada, clamando a sua indignação. E, como se fizera pausa de espanto, ouviram-no.

E tudo debandou.

*

* *

Quando cheguei a casa, sentindo que não conciliaria o sono, resolvi espai-recer.

Desci pelo Arco da Traição ao Bairro do Jardim Botânico, e alonguei os passos em direcção a Santa Tereza.

Ouvi gritar; um garfo do vespeiro da Feira ameaçava assaltar a casa do Padre Ramalho, um professor do Seminário que passava por jesuita: ao sentirem que vinha gente, fugiram.

Encontrei duas pobres meninas tranzidas de pavor; estavam ali, sosinhas, as sobrinhas do padre, que se fôra a prègar a Condeixa. Mas o perigo passara, porque a tropa já rondava as imediações da vizinha Penitenciária.

Segui para o Penedo da Saúde, então despojado, solitária mansão de paz e silêncio.

Fôra-se o luar: só as estrelas derramavam a sua ténue claridade no vasto cenário que se desdobrava por léguas, até fechar, ao longe, na escuridão profunda das serras de Alem-Mondego.

Tacteando, procurei a estreita vereda, sobranceira ao abismo.

Deixei-me escorregar, e encostei-me ao tronco duma velha oliveira. E adormeci profundamente, como se não me espreitasse o remorso.

Quanto tempo me quedei assim, na inconsciência?



Até que, brandamente sacudido, acordei sobressaltado. A antemanhã, clareava.



E vi, em minha frente, um homem que me pareceu enorme.

— *Dites-moi, monsieur...* Penedo da Saúde

la pedir-lhe que se sentasse a meu lado.

O seu vulto, que me parecera de gigante, humanizara-se: era de meã estatura e curvado pelos anos...

Esfreguei os olhos; levantei-me.

O homem continuou a falar: era um jesuita, com as vestes e chapéu de regular da Companhia de Santo Inácio, que pernoitava na cidade; e, ou porque se alarmasse, com a manifestação, a família que lhe dera pousada, ou porque êle próprio se não julgasse com segurança, viera por ali fora, buscando melhor abrigo.

Onde? No convento de Santa Tereza...

E rogava-me, num lance de confiança aflita, que lhe indicasse o caminho.

Fui conversando com êle, e sossegando-o: os portugueses nunca passavam destes clamores, nenhuma vida corria perigo, escusava de ter-se apoquentado; o que seria conveniente, talvez, era mudar de vestuário.

Disse-me gravemente:

— *Je n'ai pas d'autre, je n'aurai pas...*

E então, com receio de que, entrando pela porta principal, desse conta dele alguém que descesse de Santo António, levei-o, cautelosamente a uma portinha de serviço, que conhecia, escondida entre arvoredos. Bati levemente: logo o receberam.

O jesuita cobriu-me de bênçãos!

Estou ouvindo o Brito Camacho, irónico, ao contar-lhe esta história, que encerra uma lição, que ainda não aprendi de todo:

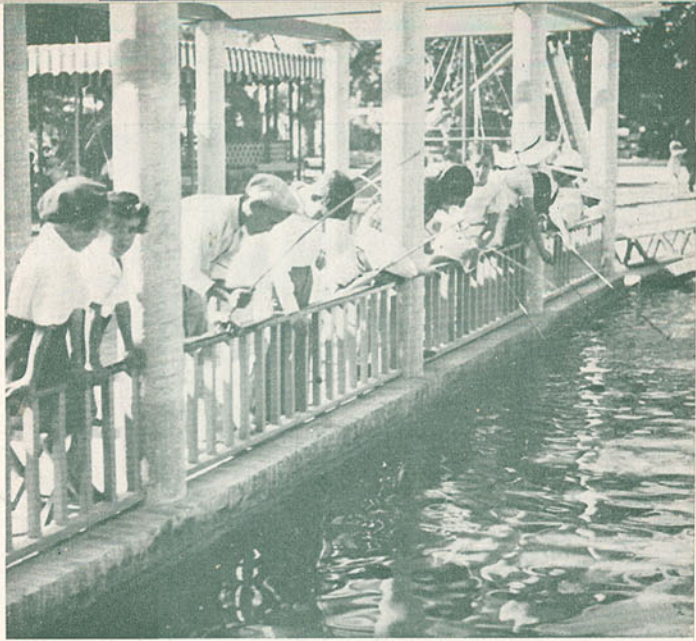
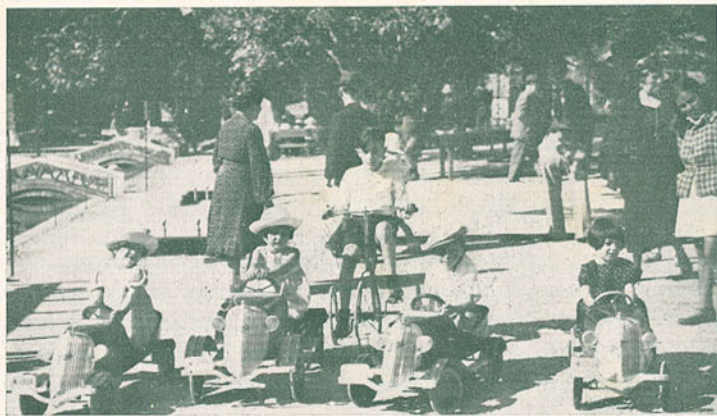
— E é o que lhe tem valido, creia!



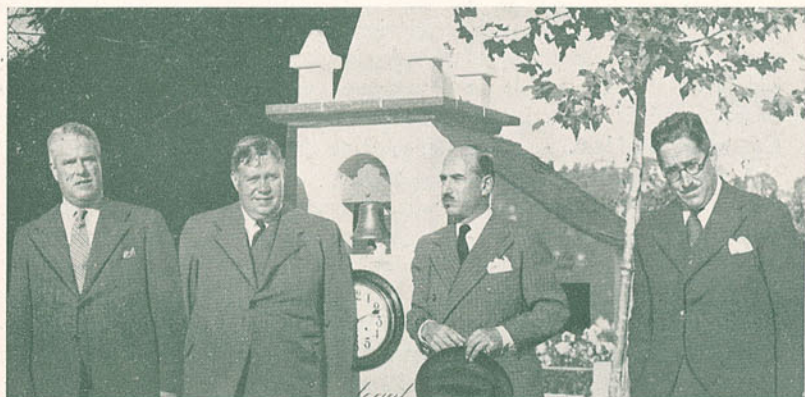
Santo António dos Olivais

LOPES D'OLIVEIRA.

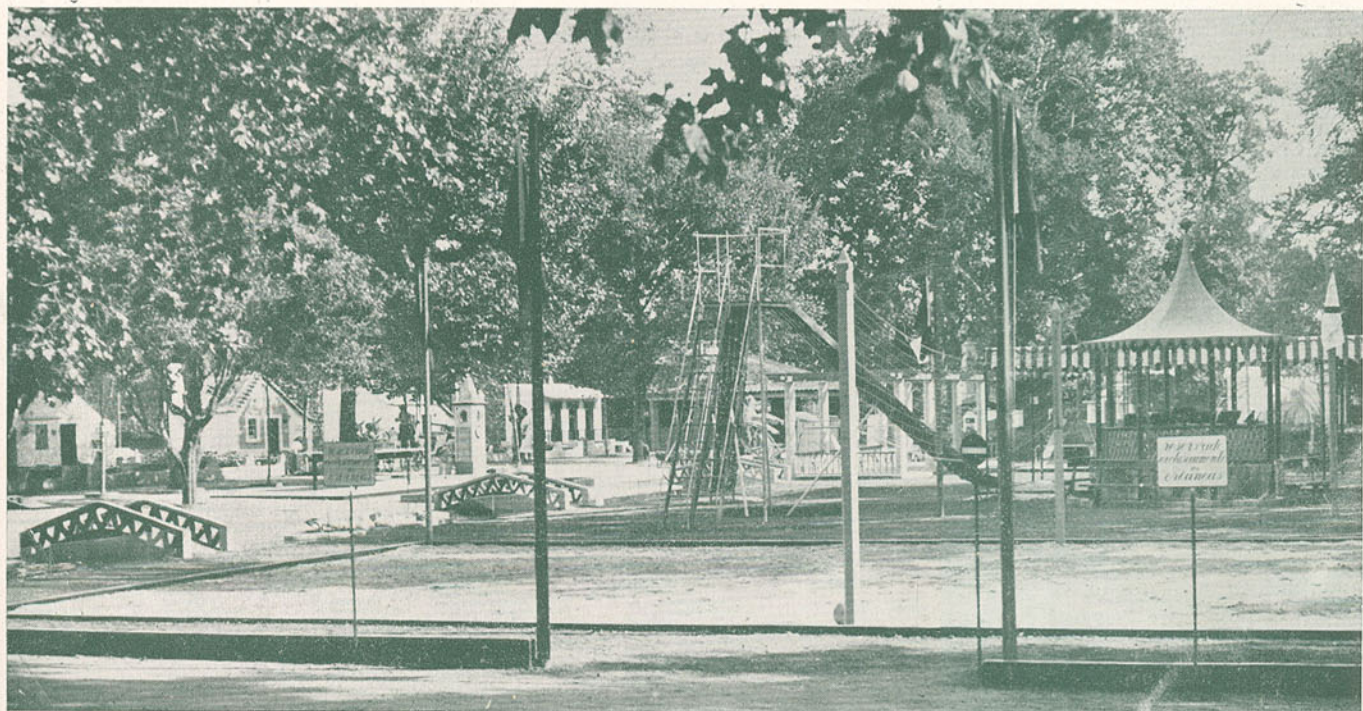
"O JARDIM DOS PEQUENINOS,,



A direcção do Jardim Zoológico inaugurou no Parque das Laranjeiras o «Jardim dos Pequenos» que constitue um mimo de graça e beleza. As gravuras acima mostram a petizada recreando-se nesse pequeno paraíso.



A direcção do Jardim Zoológico — A' direita: Os srs. ministros das Obras Públicas e da Educação Nacional visitam, acompanhados pelo sr. dr. Fernando Emídio da Silva, o «Jardim dos Pequenos» no Parque das Laranjeiras. Esta iniciativa é verdadeiramente adorável pelo encanto que a reveste. Pela mesma razão que escrever para as crianças é muito difícil, muito difícil é também conseguir-lhes divertimentos belos e proficuos



Um aspecto do «Jardim dos Pequenos» que o talento do ilustre architecto Raul Lino, a arte de Amadeu Gaudêncio e a boa vontade dos directores do Parque das Laranjeiras conseguiram transformar um dos canteiros do nosso Zoo num verdadeiro jardim de fantasia e sonho.



Sobre as águas que o reflexo do sol transformaram em argenteo estrada, os veleiros deslizam rápidos, impulsionados pelo sopra forte da brisa; espectáculo sempre encantador que se tornou variedade nos rios e praias portuguesas

MAIS uma vez as complicações e incompatibilidades do calendário desportivo nos obrigam a referir tardiamente uma prova da máxima importância no programa anual português: a Volta a Portugal em bicicleta, organizada pelos jornais "Diário de Notícias" e "Os Sports" após dois anos de interrupção durante os quais, na sua falta, nenhuma outra entidade, daquelas que intitulavam a prova de "grande negócio", teve coragem suficiente para assumir responsabilidades idênticas e substituir a Volta por qualquer organização semelhante.

Perderam toda a oportunidade os comentários técnicos ou as apreciações de pormenor que fôsse possível extrair da nossa experiência numa corrida que acompanhamos agora pela quinta vez; mas o tempo decorrido, insuficiente ainda para haver apagado a prova da recordação do público desportivo ou eliminado dos assuntos de conversação entre as pessoas do meio, favorece contudo a ponderação duma análise de conjunto, que pode interessar a modos de conclusão com valiosos ensinamentos para futuro.

O povo de todo o país, tanto provinciano como dos grandes centros urbanos, Lisboa e Porto notoriamente, acolheu a 7.ª Volta com o mesmo entusiasmo dou-

trora, talvez com maior carinho ainda e insuperável curiosidade.

A memória apresenta-nos sem grandes esforços, quadros sucessivos da multidão esperando irrequieta a chegada dos corredores: foi na Covilhã onde eles entraram entre massas compactas de gente, tais que dir-se-ia esgotada para ali a população inteira da cidade; foi depois o desfile apoteótico do pelotão através do Porto, na marcha do regresso para o sul, a custo rompendo caminho por entre alas de povo acumulado nos dez quilómetros de ruas percorridos desde as portas da cidade á avenida de Gaia; foi, por último, a entrada triunfal em Lisboa, perante mais de cem mil pessoas espalhadas desde a Portela de Sacavem até ás alamedas do Campo 28 de Maio.

A popularidade da grande competição ciclista ficou assim demonstrada, ao abrigo de todas as circunstâncias ou influências exteriores que sobre ela possam agir. A ausência tornou a mais desejada e a re-

legação para lugares secundários ou o desaparecimento desastroso dos antigos ídolos não impediu o interesse pelas proezas dos novos e a sua consagração pela simpatia popular.

Se encarmos também o aspecto propriamente desportivo da Volta deste ano,

A QUINZENA DESPORTIVA

verificamos, assinalado progresso nos resultados, que os números não deixam sofismar, embora nos tenha ficado a impressão nítida de que alguns dos competidores não souberam empregar o máximo dos seus recursos. Debaixo do ponto de vista tático, isto é, da orientação adoptada pelos dirigentes das equipas mais fortes, houve claras deficiências que influíram poderosamente na decisão final da prova.

Não se compreende a atitude dos ciclistas do Sporting e da Fabril, mantendo-se jornadas consecutivas em reservada expectativa, consentindo que um adversário cujo valor era e é uma incógnita passasse sem necessidade de luta com a gloriosa camisola amarela.

A classificação da 7.ª Volta, desportivamente certa à face do desenrolar dos acontecimentos, deixa-nos perante um problema insolucionado: qual teria sido o destino de Albuquerque se os rivais lhe tivessem dado batalha ininterrupta desde o dia em que subiu ao primeiro lugar?

Porque o não souberam fazer, Felipe de Melo, Cesar Luis, Ildefonso, Fernandes, Aguiar Martins, empalideceram o brilhantismo das provas respectivas; o bom desportista não é apenas mecanismo muscular aperfeiçoado, precisando pôr em acção simultânea cérebro e vontade que guiem e valorizem os esforços físicos dispendidos.

Com o volver dos dias e a análise do

factos, cada vez mais nos convencemos de que o desastre de Loulé, excluindo Trindade da prova, modificou por completo o xadrez da sua disputa posterior.

É possível que o vencedor viesse a ser o mesmo, mas com o inteligente Trindade na plena posse dos seus recursos, a vitória tinha indiscutivelmente sido mais difícil e as caminhadas mais emocionantes.

O verão que findou poz em foco de maneira flagrante o declínio de actividade dos desportos nauticos de vela e de motor.

Apenas o remo manteve certo número de organizações, de entre as quais deve destacar-se a regata internacional da Figueira da Foz; no entanto, o valor das actuais tripulações portuguesas é considerado pelos técnicos deste desporto inferior ao daquelas que triunfavam nas competições de ha dez anos atrás.

A única regata que até agora se disputou em Portugal, foi promovida pela Mocidade Portuguesa e opôs uma selecção dos seus filiados à delegação congénera vinda da Alemanha. É justo reconhecer que não basta para afirmar a existência dum desporto.

Continuamos, assim, sendo um povo de beira-mar, com tradições marítimas cuja actividade desportiva se mantem divorciada do mar.

Felizmente, para compensar, manifesta-se um pouco por toda a parte o aumento de interesse pela prática da nata-

ção, demonstrado por numerosas piscinas e praias artificiais construídas este ano em cidades provincianas ou projectadas para breve início de obras.

Nesta utilíssima modalidade desportiva registamos, com a visita da equipa germânica, talvez o maior acontecimento internacional de todos os tempos. Os dois festivais realizados na piscina de Algés e o que se lhe seguiu na Cúria, permitiram observar o estilo dalguns dos melhores nadadores europeus e nenhum espectador esquecerá tão depressa o brilhantismo das exhibições do campeão de saltos Erhard Weiss, o homem que ultimamente em Berlim conseguiu suplantar em mestria os rivais americanos que há muitos anos não sofriam derrota em competições internacionais.

Quando estas linhas forem lidas já o senhor "futebol" principiou a dar sinais de vida, e o reaparecimento de tão importante personagem no palco do desporto português, não pode passar sem breves palavras de boas vindas.

A época agora inaugurada vai ser rica em encontros internacionais, o primeiro contra a Suíça marcado já para o principio de Outubro, o imediato contra a Jugoslávia anunciado para Janeiro; depois do êxito colhido pela nossa representação nacional na campanha de

1937-1938, estes novos confrontos trazem-nos maiores responsabilidades e exigem, o máximo cuidado.

A data relativamente precoce destes jogos vai colocar o seleccionador na embaraçosa situação de escolher entre homens cuja forma deverá estar ainda insufficientemente preparada, pois pouco mais dum mês de actividade contarão quando forem chamados a defrontar os perigosos adversários helvéticos.

SALAZAR CARREIRA.



O «esqui» náutico é hoje desporto divulgado nas praias estrangeiras; porque motivo o ignoram ainda os nossos banhistas e nadadores?



No rio Douro efectuaram-se animadas provas de remo, das quais a nossa gravura reproduz um interessante aspecto

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguir (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição. Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinhã; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RECTIFICAÇÕES

É do género masculino o conceito do trabalho n.º 4 do «Desporto» anterior e não do feminino como, erradamente, da produção se deduz.

O *desejado* do mesmo «Desporto» tem a denominação de *figurado* e não *pitoresco* como, por lapso, saiu indicado. As nossas desculpas aos pesados confrades.

CORRESPONDENCIA

Lisboa — A *Siulno*. — Publicamos o vosso trabalho, mas não se esqueça de futuro, da «Observação» inserta no «Desporto» n.º 17.

ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO
DA L. A. C.

Promovido pela Direcção da L. A. C. efectuou-se no passado dia 11, num restaurante de Benfca, um lauto banquete que teve por fim reunir uma grande parte dos filiados naquela Liga.

De facto quarenta associados ali se deslocaram confraternizando, entre brindes e palmas, num ambiente de satisfação e alegria cuja lembrança será imorredoiira. Felicitamos os seus organizadores que mais uma vez demonstraram o interesse pela aproximação de todos os charadistas e difusão do Edipismo.

RESULTADOS DO N.º 13

(9.º NÚMERO DO TORNEIO)

DECIFRADORES

Totalistas (19 pontos)

M. A. P. M., Siulno, Rosa Negra, Ti-Beadó, Sol de Inverno, Ramon-Lácrimas, Infante e Barão X

OUTROS DECIFRADORES

Agásio, Matina, Dama Negra, Sevla e F. J. Courelas — 17. Visconde X, Tarata, Larabastro, Dóris I, e Semoga — 15. Fra-diávoló, Salero, Neptuno e J. Tavares — 12. Aureolinda — 10.

DECIFRAÇÕES

1 — Astro, 2 — Farniente, 3 — Aquilato, 4 — Camocho, 5 — Catavento, 6 — Melado, 7 — Grangear, 8 — Entreposto, 9 — Quasimodo, 10 — Glaucoma, 11 — Argana, 12 — Querco, 13 — Cabaçoção, 14 — Sol(dado), 15 — Ta(ras)ca, 16 — So(fis)ma, 17 — Gabarra, 18 — Da mão à boca se perde, muitas vezes, a sopa.

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS ANTIGAS

«Ordisi», *presado amigo*:

1) Tem você muita razão
P'ra estar zangado comigo,
P'ra me chamar aldrabão!

Anuindo ao seu pedido,
Prometi-lhe alguns trabalhos....
Não cumpro o prometido,
Incorrendo nos seus ralhos.

Da *origem* da minha falta, — 1
P'ra que não peço perdão,
Forte motivo ressalta:
Não 'star com disposição.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 22

Certa preguiça, *também* — 1
Foi do delito a culpada.
E, caro «Ordisi», aqui tem
A coisa tôda explicada.

Mas, se quiser perdoar
A falta de cortezia,
Eu prometo não tornar
A «dormir...» em *demasia!*

Lisboa *Bisnau (T. E)*

2) É tão bonito o teu *rosto!*... — 2
Tem a tez tão setinosa,
Que fez chorar com desgosto
A mais linda e fresca rosa!

A rosa tinha alegria,
Era linda, era ditosa!
Beijando-a, o Sol lhe dizia
Ser ela a mais formosa!

Mas um dia... tu passaste
Airosa, pelo jardim;
A rosa, mal a fitaste,
Chorando, disse ao jasmim:

— Hoje a sorte me *destina* — 1
Dá-me, jasmim, por *vencida!*
Minha beleza termina,
Vai findar a minha vida!...

Êsse rosto de ternura,
Que, sorrindo, aqui passou,
Venceu hoje a formosura
Com que a virgem me dotou!...

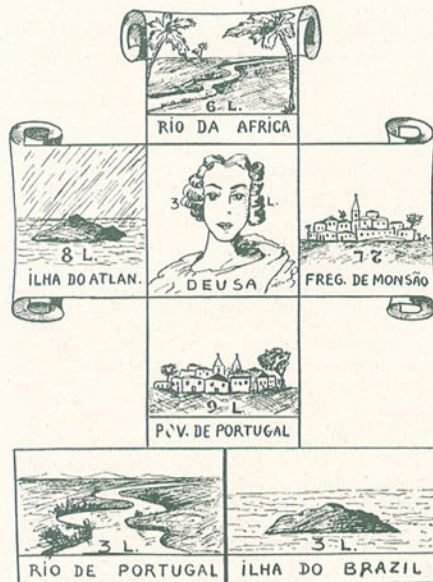
.....
És de Vénus a escultura
Feita com arte e com gosto!
És tôda a minha ventura...
É tão bonito o teu *rosto!*...

Albergaria-a-Velha *Olegna (L. A. C.)*

(A minha mãe)

3) Cada vez que te vejo, ó minha mãe, — 2
Sinto na alma um laço de prazer,
Uma chama que faz de mim alguém
— Sôpro de vida que me faz viver.

17) ENIGMA PITORESCO



Biscaia

Olegna

Tua voz comovida, a tua *graa*, — 1
Que entra em mim, para nunca mais
É uma paz suave que me enlaça,
Uma paz que p'ra sempre hei-de sen-
[sair, [tir.

Minha mãe! Minha mãe! Ó! que saí-
[dade
Eu sinto dos meus tempos de crian-
[ça...

Tempos de buliçosa felicidade
Em que em mim só reinou a confiança.

Mas hoje... hoje... só existe a amar-
[gura...
Somos grande? p'ra quê — Para sofrer?!

.....
— E só tu, minha mãe, minha fé pura,
Me fizeste ainda não *entontecer*...
Lisboa *Adeusinho (L. A. C.)*

SINCOPADAS

4) Certo dia, em Azeitão.
Subindo uma enorme *ladeira*,
Dei tão grande *trambolhão*
Que abalei a «mioleira!» — 3-2

Luanda *Ti-Beadó*

5) Quanto mais te *desejo*
Mais viva é minha paixão;
Ver-me assim, como eu me vejo,
Oh! que triste decepção. — 3-2

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

ENIGMAS

6) Só com duas invogais,
Perfeitamente iguais,
Forma-se gostoso *bolo*
Que é um consôlo!

Luanda *Ti-Beadó*

7) *Se no começo* não puder
Com o meu todo atinar,
Ria no fim, mas a valer,
É verá logo despontar
Num só instante, como eu vi,
Uma pessoa *que não ri*.

Luanda *Ti-Beadó*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

8) O charadismo *além* de constituir um *bom* método de cultura é um *passatempo sublime*. 2-3.
Lisboa *Mirones (L. A. C.)*

9) Irra!... ia caindo no *oceano!* Tive de me *apertar* contra as rochas para não cair. 2-1.
Lisboa *Diamantino Ferreira*

10) A «*nota*» que êle «*nota*» não é uma «*nota*» de carácter notável. 1-1-1.
Lisboa *J. Resende*

11) Aquela «*mulher*» não tem *pátria* porque a sua raça é de *derivação* judaica. 2-2.
Lisboa *D. O. X.*

MEFISTOFÉLICAS

12) *Louca* fui, quando julguei que a tua *estima* jámais teria *fim*. (2-2) 3.
Lisboa *Rosa Negra*

13) *Pingi pressa* e fugi da *falsidade*. (2-2) 3.
Lisboa *Ricardo (F. L.)*

SINCOPADAS

14) *Depressa*, «*mulher!*» 3-2.
Lisboa *Mr. Dell*

15) Cá para mim *o essencial* é apanhar todos os dias uma *bebedeira*... 3-2.
Lisboa *Zé da Burra*

16) Mas que criança! Mal *desperta* logo derrama lágrimas! 3-2.
Lisboa *Rei Vax*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

AS FESTAS DO FOGO

NUM livro que se tornou celebre, porque é uma verdadeira obra de Arte, Gabriel d'Annunzio, o grande poeta italiano que quando deixou este mundo, deixou um lugar vago na literatura, que difficilmente será preenchido, mesmo num país de artistas, como a Itália, descreveu maravilhosamente, evocando-a e pondo debaixo dos nossos olhos essa festa maravilhosa, que se realiza em Veneza, comemorando as nupcias de Veneza com o Mar.

Festas que terminam com uma apoteose de fogo sobre as águas tranquilas dos canais.

O «doge» Marino Fallieri o primeiro que realizou essa festa lançou à água a aliança que unia para sempre Veneza e o Mar, e os seculos passam e Veneza segue unida ao Mar, sempre noiva e sempre bela, cidade misteriosa que não é já a Europa e ainda não é o Oriente.

Cidade de palacios encantados, jardins apertados entre muros, florescentes de lilazes e glíneas, cidade de Arte e de Amor. Todas as noivas ali vão passar a lua de mel e todas deveriam ir quando se realiza essa festa que o grande escritor fotografa vivamente no «Il Fuoco».

A' noite de todos os pequenos e sombrios canais que a sombra torna negros começam a surgir gôndolas, que iluminadas por arcos de balões levam a bordo música suave que juntando aos instrumentos vozes humanas, nessas doces canções venezianas, nos fazem sonhar com etéreas regiões.

Não há pequeno canal de onde não saia uma linda gôndola que sulca serenamente a água negra, reflectindo à sua volta as luzes que a iluminam.

Todos os «vaporetto» iluminados cortam com velocidade a água conduzindo passageiros. Uma grande galeata toma a frente do cortejo que triunfal, rodeia o grande canal e se espalha na Laguna e é nesse momento que nas barcas para isso preparadas se começa a deitar o fogo de vistas.

Em grandes «bouquets», de todas as cores sobe para o ar numa florescência fantastica, que as águas tranquilas e serenas reflectindo tornam fantasticas.

Das gôndolas luminosas saem mais vibrantes os canticos e no céu luminoso recortam-se os perfis dos palácios e das igrejas.

O Palácio dos Doges ora amarelo como o fulgente ouro, verde como a esperança ou rubro como o sangue que correu entre as suas paredes, tão artisticas e belas por fora, e, tão negras e sombrias nas prisões que atemorizam e aterram só de pensar que uma criatura humana ali



Vista geral de Viana do Castelo

esteve encerrada, uma só hora que fôsse, parece reviver, oscilar, levantar-se maior, mais grandioso.

Santa Maria della Salute do outro lado do Canal esfuma o seu zimbório numa doce iluminação e as estrelas que a luminosidade do fogo torna pálidas, cintilam para lá longe nesse céu tão transparente e fluido de Veneza, que parece também ser água.

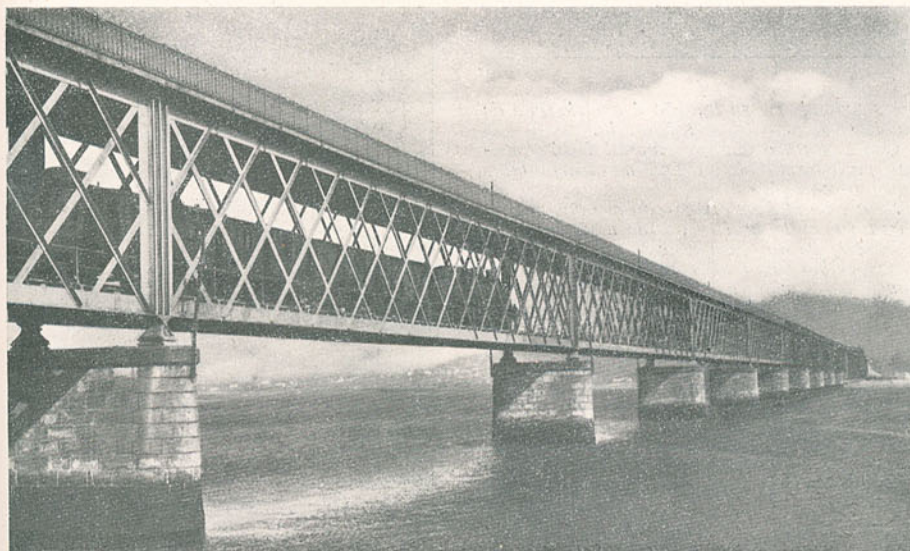
E a festa atinge o seu cumulo em descantes. Das gôndolas saem foguetes de lágrimas e no meio desses barcos luminosos e barulhentos passam silenciosas gôndolas em que um par de namorados, mão na mão e olhos no céu esbraseado, sonham que a vida será sempre assim um fogo ardente em seus corações, como esse fogo que alastra em todo o céu, esbraseando água e casas numa apoteose de luz.

E Veneza a serena Veneza das águas tranquilas, dos palacios hieráticos, da tranquilidade doce, do amor sereno, é nessa noite uma braza ardente, que ilumina tudo com a sua penetrante luz.

Torna-se um país de fadas, um sonho de luz e é bem a festa do fogo, aquela com que festeja as suas nupcias com o Mar, a cidade de transparentes neblinas, de cores suaves e esbatidas, silenciosa e tranquila, torna-se uma noite no ano luminosa das mais variadas cores, barulhenta de cantos e de música.

Mas nós em Portugal temos também uma linda festa do fogo, festa que quem uma vez vê nunca mais esquece.

A serenata das Festas da Agonia, em Viana do Castelo, é uma linda festa do fogo, em que brilham no lindo céu minhoto, tantos lumes de cores, como no céu veneto, e, das bôcas frescas das raparigas do Minho, saem alegres cantos, tomando os barcos decorados com a maior fantasia, rivais das gondolas venezianas. Para entrar em Viana, atravessa-se o Rio Lima, numa grande ponte, como para entrar em Veneza, de comboio, se atravessa uma longuissima ponte, sobre uma imensidade de água.



Ponte metálica sobre o Rio Lima

Habitualmente a cidade que sai da água do Rio Lima e que fica entre o mar e o rio, rodeada de água, têm também êsses suaves tons que tornam encantadora Veneza, e, um leve manto de neblina envolve-a como uma «echarpe» de gaze, adoçando-a e dando-lhe um certo ar melancólico, doce e apaixonado, que têm em geral as cidades em que predomina a água.

Mas como Veneza, Viana, na noite da serenata deslumbra os forasteiros, porque se são talvez menos os barcos, que sulcam a água tranquila do rio, se não é tanta a música que ecôa pelas suas margens tem outros elementos que a tornam deslumbrante, como as surpresas na outra margem, e a ponte que se presta a uma apoteotica iluminação e que é sempre tão bem aproveitada.

A avenida na margem do rio, engalanada com uma iluminação tão típica e graciosa que não sei mesmo se a prefiro à de Veneza, tem na rusticidade dos seus motivos, um delicioso encanto de ingenuidade, que demonstra bem a arte deste povo e o seu requinte na ornamentação, que é espontânea e natural e não provocada pelo estudo e pela pretensão.

A sua iluminação à minhota é sempre bela em qualquer parte do mundo e tem a originalidade do seu regionalismo que é marcante em tudo e nada há de mais orgulho, para um povo que ter personalidade bem marcada.

Mas voltemos à serenata, a essa outra festa do fogo, que é tão encantadora e que rivaliza com as nupcias de Veneza, com o Adriatico.

Pouco a pouco iluminam os barcos cada qual com a sua ornamentação. Um grande coração, um, pois podia lá deixar de haver um coração bem vermelho numa festa minhota, neste povo de amores alegres e sempre em derriços, um couraçado outro, pois claro que a marinha tem sempre um lugar de destaque, para os povos ribeirinhos que vivem do mar e para o mar, um castelo ainda, um outro, pois o castelo que dá o nome à cidade e que representa todos os castelos que por todo o Minho se estendem, até Melgaço, não podia ser esquecido, e, êste ano, ainda a cruz da Legião.

Essa cruz de Aviz, que tanto se salientou na história e que é hoje a Cruz da Legião tinha que aparecer na serenata, a festa por excelência da cidade, cujos Legionários na grande parada da Legião, em Lisboa, há mais dum ano se salientaram; sendo classificados os primeiros.

E dêsses barcos, saem os descantes, as músicas em que predominam as violas e os ferriños. Música tão popular e tão portuguesa. Mas repentinamente ilumina-se a ponte e lascadas de luz resplandecente caem para o rio iluminando as águas, recortando ao longe os montes, marcando a silhueta das casas, enquanto, que para o ar sobem numerosos os foguetes, os «bouquets» que vão em aumento até ao «bouquet» final, e durante um momento, abrasada, luminosa, a cidade ergue-se e domina a água tranquila do rio, onde o fogo aquático ricocheta, fazendo combates apresentando animais.

Tudo é luminoso e brilhante, e a verdadeira festa do fogo, deslumbrante e apoteotica, como a outra festa que tão longe se realiza, nas águas tranquilas da Grande Laguna.

É interessante observar como são as cidades que vivem na água, aquelas que as brumas mais vezes envolvem nas suas fazes diafanas, as que têm o culto da luminosidade, do fogo e do brilho.

MARIA DE EÇA.



no noticiário dos jornais que há megeras que compram crianças, que exploram obrigando-as a trabalhar para elas, desmoralizando-as numa vida ignôbil e abusando da miséria dessas infelizes, que nem o nome de mães merecem.

Mães que vendem os filhos para se libertarem deles e mais facilmente podem rejeitar a sua vida, sem empecilhos que as incomodem.

É o atroz miséria, a negra fome que leva essas desgraçadas a procederem assim, mas é também a aridez que corre a alma humana num egoístico desejo de cada um se governar; sem ter encargos e de poder viver uma vida melhor.

Mas será isto a verdadeira civilização? Esse desejo de para melhor viver, arrancar do coração os mais naturais sentimentos, que os pró-



QUANTO mais avança a civilização material dos povos, mais árida se torna a sua alma, como se a comodidade e o anseio duma vida melhor queimasse como chama a bruxa a sentimentalidade e a espiritualidade, sem as quais o espírito humano fica reduzido à mais baixa expressão da animalidade.

Numa época em que materialmente se tem avançado o mais possível, em que as comunicações são cada vez mais rápidas. O luxo atingiu o cumulo, as casas claudinas têm água quente e água fria em todas as torneiras, aquecimento no inverno, ventiladores no verão.

A electricidade oferece-nos verdadeiros milagres, a telefonia sem fios, tem-nos sempre em comunicação com o mundo inteiro. O grande navio Queen Mary, fez a viagem de Southampton a Nova York, em três dias e vinte horas.

As correias postais de avião, trazem-nos notícias das antípodas em poucos dias.

A instrução difunde-se, o combate ao analfabetismo é violento em toda a parte. Nos países mais adiantados não há analfabetos, entre nós, mesmo que não temos caminhado na vanguarda da instrução popular, as escolas primárias e os pastas de ensino têm-se multiplicado por toda a parte, não havendo hoje nas aldeias criança que não aprenda a ler.

Parece que esta civilização, esta instrução devam contribuir para tornar o homem melhor, para dar às almas uma maior elevação, mas não é isso que constata quem observa com olhos de ver a humanidade de hoje, tão feroz e tão egoísta como aquela de há séculos.

Na vizinha Espanha nestes dois anos de guerra têm-se passado horrores, só comparáveis aqueles que nas primitivas guerras de bárbaros e romanos se deram, a crueldade mais atroz florescem num país, que devia ser adiantado, pela riqueza que possuía e pela sua vizinhança com povos civilizados.

A perseguição religiosa ultrapassou em horror, tudo o que sabemos da perseguição de Nero e de outros imperadores romanos, que ao menos eram correntes, perseguição teorias tão diferentes da sua maneira de sentir, matando para manter o seu poder e conservar a sua civilização materialista.

Mas se em Espanha recuaram até à crueldade romana, nós os portugueses, vemos pelas notícias dos jornais, que mais moderados sempre em tudo, recuamos apenas até à Idade Média; a época florescente dos «compra-chicos».

Em plena civilização do século XX nós vemos

PÁGINAS SFEMININAS

misérrimo, e, o amparo moral, aquela que via o seu coração atrofiar-se pela fome, pela falta de tudo o que é necessário à vida.

É necessário que nessa obra haja amor e compensação, para não termos sobossobrar uma tão rica civilização material, debaixo da desordem moral, que nos leva séculos atrás a épocas em que se negociava gente e se vendiam criaturas em mercados de escravos e em que o materialismo primava tudo.

Ente-se a miséria das mães, que não têm quem as auxiliem a criar os seus filhos, e, não se darão estes casos que confrangem os corações bem formados.

MARIA DE EÇA

A MODA

APARECEM as primeiras modas de outono em Paris. Desenha-se um pouco do que vai ser a moda de inverno. Mangas bufadas no ombro, saias apertadas, saias rodadas em baixo e mangas largas junto ao pulso.

Vestidos colados ao corpo moldando as formas ou vestidos largos, amplos, que um cinto cinge na cintura.

A moda apresenta-se conciliadora para todos os corpos; que cada uma escolha o que lhe poderá ficar melhor na certeza que assim é que estará à moda, que deve sempre favorecer e não prejudicar a estética feminina, obrigando gordas e magras, altas e baixas, a usarem os mesmos vestidos, que lhes fiquem bem ou não.

Nas modas de outono, como nas de todas as estações, o que aconselhamos às nossas leitoras,



que escolham o que melhor se harmonizar com o seu físico, aquilo que faça realçar a sua elegância favorecendo-a o melhor possível, fazendo-a sobressair, sem essa preocupação se estará no rigor da moda o que escolhemos. Só as privilegiadas que possuem uma figura ideal a quem tudo vai bem, podem usar a moda sem modificações.

Vamos apresentar alguns modelos de outono de pratico uso. Começaremos por um gracioso vestido numa lã leve, muito proprio para menina e util nesta época.

Em qualquer côr fica bem este modelo, à saia tem a frente em pregas cosidas até ao joelho, o corpo é formado por um «mpicocant», que fecha no pescoço com um laço e que em pesponto sublinha a gola, pregas do avesso dão o geito à fazenda, que uma larga bainha fecha ao meio.

As mangas são curtas, mas para uma menina frívola podem fazer-se compridas. O cinto em fitas «gros-grain» tem as três cores francesas branco, azul e vermelho.

Temos outro simples e gracioso modelo em malha «jersey» bege. A saia completamente lisa.

O casaco da maior simplicidade guardado com botões apenas, tem um alinhado distintíssimo. Uma «écharpe» em fita vermelha às riscas forma o «plastron». Chapeu de feltro guardado com fitas.

Dois elegantes «tailleurs» marcam o gosto da estação. Um deles é o clássico «tailleur» que só o alfaiate pode executar, em fazenda preta com riscas brancas. Chapeu em feltro vermelho, por dentro do casaco uma elegante «écharpe» em seda vermelha com ferraduras brancas. É uma «toilette» prática. O outro modelo é numa fazenda Rodier fundo azul escuro com «fsois» branco.

A saia tem uma ligeira prega à frente. O casaco é fechado na frente por botões da cinta para baixo, tem uma gola estreita que desce até ao cinto e que é como as algibeiras, debruada a branco. O cinto pespantado fecha com uma fita simples. Chapeu em feltro azul guardado a fita branca.

Como chapeu temos um elegante «flamond» em cinzento claro, guardado com uma fita de veludo preto e um véu preto.

Para a noite duas elegantíssimas «toilettes»

de grande sumptuosidade. Uma em «lamé» de ouro e roxo. As mangas muito amplas e duplas dão ao vestido um aspecto de antigo que vai bem com o pesado tecido, que a gente em frizado marca mais.

O outro em «lamé» de prata é duma simplicidade que exige um corpo escultural e flexível; o decote é só nas costas.

Qualquer destes vestidos muito compridos não têm uma cauda definida.

O penteado moderno deve ser muito cuidado, já lá vai o tempo em que as cabeleiras «mascotes» tinham sucesso.

Hoje o penteado, para a noite é cuidadíssimo e exige uma perfeição que o torna difícil.

Damos um modelo de penteado encantador daqueles que favorecem e embelezam qualquer rosto. Ondas largas que se misturam com os caracóis, formam um conjunto delicioso, marcando bem a linha que os cabelos devem seguir, puxando



lher formosa, destas a quem tudo fica bem, e as senhoras que vernaveavam nessa praia começaram a imitá-la e assim uma moda bolchevista e pouca estética, que a poucas favorece se instalou por pouco tempo, esperemo-la nos hábitos europeus.

Eu prefiro sempre a igualdade que pretende elevar-se e gosto mais de ver as camponesas suíças voltar o feno de vestido de crêpe da China e chapéu, como me sucedeu ver nas margens do lago de Brience, ou as criadas de Londres elegantíssimas nos seus vestidos de noite que usam como «chic» nas noites de folga quando vão ao teatro.

É natural elevar-se, nunca o rebaixar-se. Mas há ainda uma coisa que tenho a dizer às minhas leitoras, a mulher portuguesa tem um tipo muito seu e muito interessante mas a quem o lenço não vai bem, ainda há dias numa toirada numa conhecida festa minhota, me foi dado observar algumas senhoras vanguardistas da moda, com o lenço na cabeça.

As que estavam simplesmente penteadas e com o lenço defendendo-as da nordada que soprava rija, tendo perdido a «maquillage» pareciam-me criadas de servir.

Aquelas que punham o lenço para trás sobre altos caracóis, com o rosto bem retocado, evocaram a sombra da Severa, porque fiquei certa que no tempo dela muitas elegantes naquele género cruzariam as ruas do Bairro Alto.

EFEITOS DA MÚSICA

HÁ quem atribua à música efeitos curativos de alta importância nalgumas doenças. Já na história mitológica existem a flauta de Orfeu, e na história bíblica a harpa de David apacando as fúrias do rei Saúl.

É por esta razão que se promovem concertos nos Estados Unidos da América, nas casas de alienados, tratamento este a que chamam o ducho musical.

Nem todas as músicas servem para este tratamento como é natural, é preciso escolher as mais apropriadas para que não produzam efeito contrário.

Uma doutora americana estudou o assunto e chegou à conclusão que Schubert é excelente contra as insónias, Brahms contra a depressão nervosa, Beethoven e Bach podem ser aplicados em certas formas de reumatismo.

Parece porém que se tenta de atender também ao instrumento. O violão excita, o violoncelo atrai os emotivos, a flauta acalma e dá repouso.

Eis uma fácil maneira de curar doenças nervosas, fácil e agradável porque todos gostam dum pouco de música sobretudo se é bem executada.

dos atrás e deixando a orelha quási descoberta.

A arte de pentear é bem difícil e no entanto hoje em dia vemos cabeças lindas, artisticamente penteadas que completam as mais elegantes «toilettes».

A MODA DO LENÇO

A moda decretou para a mulher elegante e «chica» o uso do lenço na cabeça atado de baixo do queixo, como a nossa saia e como a camponesa russa.

O lenço que tinha sido posto de parte pelas criadas de servir cidadinas, por inestetico e deslegrado encontrou um carinhoso acolhimento da parte das elegantes, ávidas de novidades e irredelidamente acolhedoras de tudo o que a moda decreta sem olhar de onde vem essa moda e se ela as favorece.

Na Rússia soviética num intuito de igualar todas, humilhando, foi proibido o uso do chapéu às senhoras e todas usaram o lenço na cabeça.

Uma russa em vilegiatura numa praia elegante da Europa pôs, por hábito, o lenço, era uma mu-

PIRÂMIDE DE PESTES

Bridge

(Problema)

Espadas — R. 8
Copas — D.
Ouros — A. 3, 2
Paus — 7, 6

Espadas — — — — — N Espadas — D. 7, 6, 5
Copas — 7, 6 O Copas — 9, 8
Ouros — V. 9, 8 E Ouros — 10, 5
Paus — D. V. 9 S Paus — — — — —

Espadas — — — — —
Copas — A. R. 5
Ouros — R.
Paus — A. 10, 8, 4.

Trunfo copas. S joga e faz 7 vasas.

(Solução do número anterior)

S — 3 c., O — D. c., N — 9 o., E — 8 c.
N — A. p., E — 2 p., S — 4 c., O — 3 p.
N — A. e., E — 4 e., S — 8 e., O — 5 e.
N — 5 o., E — 7 o., S — 8 o., — 4 o.
S — D. o., N R. e.
S faz o 10 e 9 de espadas.

Queremos saber

(Solução)

105 dias.

O jogo mais velho do mundo

A julgar pelo que dizem os historiadores, o jogo mais velho do mundo, seria o jogo dos dados que os antigos conheciam e cuja vulgarização se atribue a Palamedes um dos heróis gregos que, pelo ano de 1244, antes de Cristo, embarcaram para a célebre expedição de Troia, com o fim de livrarem a formosa Helena.

Todavia, o uso desse jogo ainda vem de mais longe, porque a ele se fazem alusões em monumentos dos mais velhos do Egito.

Ha quem tenha afirmado, depois de certas experiências que para dormir bem e sobretudo ter um sono reparador, se deve colocar o leito com a cabeceira para o norte e os pés para o sul. Nenhuma demonstração científica vem apoiar este facto que, todavia, parece empiricamente exáto. Cada um dos nossos órgãos, quando trabalha, devolve uma corrente e cria em volta de si um campo; é muito possível que um certo acórdo entre as diversas correntes exteriores e as correntes do nosso organismo, seja necessário para produzir um bom repouso.

O lugar habitado, mais alto do mundo é o mosteiro budhista de Ilane no Tibete, o qual se encontra situado a 5100 metros acima do nível do mar.

A peça de fazenda

(problema)

Um caixeiro duma loja de modas tem de cortar uma peça de fazenda de dezoito metros de comprimento, em porções de dois metros.

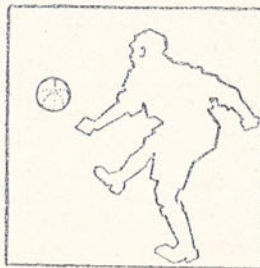
Ora quantos cortes de tesoura precisa ele dar para chegar a esse resultado?

Os gafanhotos, em 1804 e 1805, provocaram na Europa grandes estragos, não só devorando as colheitas pelos campos, como as folhas das arvores, e até invadindo as proprias casas. Depois de terem devorado em alguns países tudo quanto encontraram, morreram de fome, e as grandes massas que formaram, apodrecidas sobre as terras, infectavam as águas e exalavam emanações pestilenciais.

O fabrico artificial de materias plasticas não data de muitos anos. O primeiro *brevet* concedido para o fabrico de celuloide data de 1870; para o fabrico de galalite data de 1897; para o fabrico das resinas sinteticas data de 1908 apenas.

Desenho cúbico

(Solução)



Os gatos-voadores

Os gatos-voadores cujo nome científico é «Pleuropteros» são uns mamíferos muito parecidos com os morcegos, que se diferenciam destes por terem todos os dedos da mão guardados por unhas cortantes, e em se não servirem das membranas como asas, mas sómente como pára-quadras.

Contam-se várias espécies conhecidas, entre elas o «Galcopithecus rufus», que vive nas Molucas, e tem perto de 0,35 de comprimento.

Passa todo o dia caçando insectos e parasitas que vivem, como ele, nos bosques. Também faz grandes estragos matando nos ninhos os colibris e outros passaritos, colhendo também as borboletas e colibris, em pleno voo.

Tem um olfato finissimo.

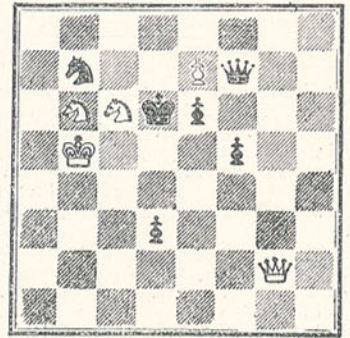
Os indios gostam da carne dos gatos-voadores, particularmente na estação do ano em que eles dão caça aos insectos.

Xadrez

Problema, p. r E. Ferber

Branças 5

Pretas 6



Mate em dois lances.

A celebridade

A seguinte anecdota, contou-a Blasco Ibañez, há uma porção de anos, num jornal espanhol:

«Encontrando se um dia Luciano Guitry, em Monte-Carlo, aproximou-se d'ele uma jovem e graciosa artista, que lhe disse:

— Senhor Guitry, quem é aquele homenzinho calvo com quem acabou de conversar agora mesmo? Imagine que, no outro dia, durante perto de uma hora me esteve falando da sua própria pessoa. Ao separarmo-nos disse com ar misterioso.

«Não lhe digo o meu nome, porque se lhe revelasse quem sou, a surpresa e a satisfação de me ter conhecido seriam capazes de lhe causar uma profunda comoção...». Quem é éle? E' príncipe? Milionário? Ou será presidente da República?»

Luciano Guitry, sorriu maliciosamente e respondeu:

«E' um poeta italiano que se chama Gabriel d'Annunzio».

— «D'Annunzio?» — retorquiu a gentil rapariga. — Não conheço!».

O lugar mais seco do mundo é um deserto de 300.000 milhas quadradas no Turquestan chinês. É tão desprovido de humidade, quer atmosférica quer subterrânea, que nenhum ser humano, nem nenhum animal, ave ou planta, pode viver dentro dos seus limites.



A banhista: — Ó seu velho tonto! Um d'esses bocados que leva aí espetado, é o meu fato de banho que estava a enxugar.

(Do «Pearson's Magazine»).

Uma boa colecção de livros
de grandes autores
dá categoria a quem a possui

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS
contra o pagamento da 1.ª prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas
que denominou

Crediário Cultural

Por êste sistema,—novo processo de vendas
adoptado nalguns países da Europa e especial-
mente da América,—contribue-se para a cultura
dum povo, facilitando-se a aquisição das obras
dos mais notáveis autores.

**Prestações mensais desde vinte
e cinco escudos, segundo a importância
da compra, sem fiador, sempre com
a bonificação do sorteio e com
direito à escolha de obras men-
cionadas em catálogo especial.**

**O comprador favorecido com
o sorteio não paga mais nada,
saldando assim a sua conta
apenas pelo que tiver pago.**

Peçam catalogos e informações á

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Be-
noillet e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heltor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**DOCES E
COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

≡

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	8\$00
br.	15\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	12\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M.ª X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00;	10\$00
br.	8\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	15\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50;	12\$00
br.	10\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	8\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50;	12\$50
br.	2\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- rência), 1 fol.	1\$50
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	12\$00
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br.	

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo :
- 4 — 1.^a parte — *Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5 — 2.^a parte — *O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá :
- 9 — 1.^a parte — *América do Sul*. 1 vol.
- 10 — 2.^a parte — *Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11 — 3.^a parte — *Oceano Pacífico*. 1 vol.
- Vinte mil léguas submarinas :**
- 12 — 1.^a parte — *O homem das águas*, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
- 13 — 2.^a parte — *O fundo do mar*, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
- A ilha misteriosa**, trad. de Henrique de Macedo :
- 14 — 1.^a parte — *Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15 — 2.^a parte — *O abandonado*. 1 vol.
- 16 — 3.^a parte — *O segredo da ilha*. 1 vol.
- Miguel Strogoff**, trad. de Pedro Vidoeira :
- 17 — 1.^a parte — *O correio do Czar*. 1 vol.
- 18 — 2.^a parte — *A invasão*. 1 vol.
- O país das peles**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho :
- 19 — 1.^a parte — *O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20 — 2.^a parte — *A ilha errante*. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As Índias negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
- Heitor Servadac**, trad. de Xavier da Cunha :
- 23 — 1.^a parte — *O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24 — 2.^a parte — *Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- Um herói de quinze anos**, trad. de Pedro Denis :
- 26 — 1.^a parte — *A viagem fatal*. 1 vol.
- 27 — 2.^a parte — *Na África*. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões da Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribulações de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá :
- 31 — 1.^a parte — *A chama errante*. 1 vol.
- 32 — 2.^a parte — *A ressuscitada*. 1 vol.
- A jangada**, trad. de Pompeu Garrido.
- 33 — 1.^a parte — *O segredo terrível*. 1 vol.
- 34 — 2.^a parte — *A justificação*. 1 vol.
- As grandes viagens e os grandes viajantes**, trad. de Manuel Pinheiro Chagas :
- 35 — 1.^a parte — *A descoberta da terra*. 1.^o vol.
- 36 — 1.^a parte — *A descoberta da terra*. 2.^o vol.
- 37 — 2.^a parte — *Os navegadores do século XVIII*. 1.^o vol.
- 38 — 2.^a parte — *Os navegadores do século XVIII*. 2.^o vol.
- 39 — 3.^a parte — *Os exploradores do século XIX*. 1.^o vol.
- 40 — 3.^a parte — *Os exploradores do século XIX*. 2.^o vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
- Kériban, o Cabeçudo**, trad. de Urbano de Castro :
- 43 — 1.^a parte — *De Constantinopla a Scutari*.
- 44 — 2.^a parte — *O regresso*. 1 vol.
- 45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
- Matias Sandorff :**
- 47 — 1.^a parte — *O pombo correio*. 1 vol.
- 48 — 2.^a parte — *Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49 — 3.^a parte — *O passado e o presente*. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- Norte contra Sul**, trad. de Almeida de Eça :
- 53 — 1.^a parte — *O ódio do Texar*. 1 vol.
- 54 — 2.^a parte — *Justiça*. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- Dois anos de férias**, trad. de Fernandes Costa :
- 56 — 1.^a parte — *A escuna perdida*. 1 vol.
- 57 — 2.^a parte — *A colónia infantil*. 1 vol.
- Família sem nome**, trad. de Lino de Assunção :
- 58 — 1.^a parte — *Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59 — 2.^a parte — *O padre Johann*. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
- Cesar Cascabel :**
- 61 — 1.^a parte — *A despedida do novo continente*, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
- 62 — 2.^a parte — *A chegada ao velho mundo*, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
- A mulher do capitão Branican**, trad. de Silva Pinto :
- 63 — 1.^a parte — *A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64 — 2.^a parte — *Deus dispõe*. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
- A ilha de Hélice**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça :
- 67 — 1.^a parte — *A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68 — 2.^a parte — *Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.
- A esfinge dos gélos**, trad. de Napoleão Toscano :
- 70 — 1.^a parte — *Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71 — 2.^a parte — *Lulas de marinheiro*. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
- O soberbo Orenoco**, trad. de Aníbal de Azevedo :
- 73 — 1.^a parte — *O filho do coronel*. 1 vol.
- 74 — 2.^a parte — *O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.^o vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.^o vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 80 — **A Aldeia Aérea**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
- 81 — **A Agência Thompson & C.^a**, 1.^a parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
- 82 — **A Agência Thompson & C.^a**, 2.^a parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.
O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa
os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio
que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por
uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação,
pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

ACABA DE APARECER O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1939**

40.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses
e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade
nestes assuntos

Encontra-se à venda em tódas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 374 gravuras
cartonado . . . **10\$00**

Encadernado luxuosamente . . . **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75—LISBOA